

O caso Werner Kemper: Psicanalista, seguidor do nazismo, nazista, homem da Gestapo, militante marxista?!

Hans Füchtner

31.07.2000

(Tradução de Jehovanira Chrysóstomo de Sousa)

(Publicado na revista Pulsional 10/2000, mas sem as notas de pé de pagina.)

*“Ah, a análise que vocês têm no Rio de Janeiro foi feita por um homem da Gestapo.”*¹ Com esta observação, o Presidente da “Associação Psicanalítica Internacional” (IPA), Robert Wallerstein, irritou bastante sua interlocutora, a psicanalista Inaura Carneiro Leão, numa conversa à parte por ocasião do 36. Congresso Internacional da IPA, em 1989, em Roma. Quando ela conta, nota-se que a sua indignação perdura até hoje, depois de anos.

A caracterização de Wallerstein é alusiva ao psicanalista alemão Werner Kemper, que em 1948 foi enviado pela IPA, por intermediação de Ernest Jones, para o Rio de Janeiro para ali fundar juntamente com um outro psicanalista² a primeira sociedade psicanalítica ligada à mesma. Inaura pertence ao grupo de seus primeiros dez analisandos e analisandas e é membro-fundadora da “Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro” (SPRJ). Apesar dela ter-se desligado mais tarde da SPRJ em divergência com Kemper e de ser filiada desde muitos anos à uma segunda sociedade ligada à IPA – “Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro” (SBPRJ) –, ela não tem nenhuma dúvida até hoje quanto à integridade pessoal de Kemper. Respectivamente, ela também não tem nenhuma dúvida de que Kemper não cometeu nada de culpável nos anos em que viveu na Alemanha Nazista e trabalhou no chamado “Instituto Göring” (“Instituto Alemão de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia”). Esta opinião, hoje em dia, parece ser compartilhada apenas por uns poucos psicanalistas no Rio. Sempre que se trata do assunto Kemper e de sua

¹ De uma entrevista realizada em janeiro de 1995 com Inaura Carneiro Leão, citada aqui e a seguir. O acontecimento é relatado também em Leão, 1996. As traduções do português, francês e inglês para o alemão são do autor.

² Mark Burke, um psicanalista de procedência polonesa formado na Inglaterra, cujo nome original segundo Besserman Vianna era Max Bibowsky (Besserman Vianna, 1994). Foi intermediado também por Jones.

importância para a História da Psicanálise no Rio, alega-se logo que não se tinha conhecimento no Brasil das suas atividades durante o nazismo na Alemanha. Uma vez que o próprio Kemper nunca falou sobre esse tempo, conclui-se, por suposto, que ele tinha algo a esconder.

Para esta avaliação de Kemper, contribuiu fundamentalmente um livro, que trata de um capítulo particularmente triste da história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro. Nele a autora, Helena Besserman Vianna, psicanalista da SPRJ, relata acontecimentos ocorridos nos piores anos da ditadura militar na década de 70, nos quais ela teve um papel importante e louvável.

Em agosto de 1973, o jornal clandestino “Voz Operária” publicou a notícia que o tenente, médico e psicanalista Amílcar Lobo Moreira da Silva participava nas sessões de tortura de presos políticos. Besserman Vianna enviou um exemplar do mesmo à psicanalista Marie Langer em Buenos Aires e anotou a mão no próprio exemplar, que se tratava de um “candidato” da SPRJ, em formação com o analista didata Leão Cabernite³ e indicou o endereço do mesmo. Marie Langer enviou imediatamente uma cópia ao então Presidente da IPA, Serge Lebovici, e a outras figuras importantes do movimento psicanalítico. Além disso, relatou a ocorrência em novembro do mesmo ano no livro “Questionamos 2”, editado por ela.

Como Besserman Vianna descreve pormenorizadamente no seu livro e comprova através de numerosos documentos, o desmascaramento de Lobo como torturador não causou nem a ruptura de sua análise e nem a sua exclusão da SPRJ.⁴ Em vez disso, ele foi acobertado e inclusive ambas as sociedades psicanalíticas empreenderam grandes esforços no sentido de apurar a sua denunciante e pressioná-la.⁵ Uma reação não somente prejudicial em termos profissionais à dita psicanalista, mas também perigosa à sua vida, e na qual também tiveram parte os responsáveis da IPA.

Como isto pôde acontecer, Besserman Vianna explica com a tese que Werner Kemper, ao chegar no Rio após a II Guerra Mundial, trazia em si a marca do regime nazista alemão no qual sobrevivera e “...com as características de “homem único no

³ Cabernite foi Presidente da SPRJ no período de 1972 -1979.

⁴ (Besserman Vianna, 1994). Os acontecimentos são relatados em língua alemã em Füchtner, 1984; Füchtner, 1985; Kemper, 1988; Besserman Vianna, 1988.

⁵ Pela descrição dos acontecimentos, é provável que Marie Langer tenha cometido o erro de passar adiante cópias do recorte da “Voz Operária” com as anotações feitas à mão de Besserman Vianna. Até hoje não é claro quem foi que encomendou o parecer grafológico, por meio do qual ela pôde ser descoberta como a denunciante de Lobo. As anotações escritas à mão no jornal foram comparadas com as incrições escritas à mão dos

poder”, como Hitler...”, teria marcado como um “*Führer autoritário*” a psicanálise no Rio. E como Kemper nunca teria falado sobre o seu papel na Alemanha Nazista, o não-dito teria sido inconscientemente passado adiante aos seus analisandos e destes sucessivamente aos seus posteriores analisandos. Nesta terceira geração, a culpa teria então ressurgido em forma de ação e se revelado no escândalo da tortura.⁶

Besserman Vianna não afirma literalmente que Kemper era nazista em nenhuma passagem no seu livro. Para ela é decisivo que Kemper se teria comprometido com o regime como membro do “Instituto Göring” e assim servido fielmente aos ideais nazistas, nos quais o Instituto se orientava. Na sua opinião, Kemper teria sido nessa época impregnado pelo nazismo. A versão francesa do seu livro vai mais além: “...*Werner Kemper trabalhava na Sociedade Psicanalítica de Berlim durante os anos de guerra sob compromisso e comprometimento com o regime nazista*” e ela acrescenta que “*sua “cultura” era sedimentada nas concepções da ideologia hitlerista, que tinha como inimigos fundamentais marxistas e judeus*” (Vianna, 1997a: 197). Sob esse ponto de vista, ele é para ela não somente um seguidor do regime, mas também nazista. Conseqüentemente, seu livro, entretanto traduzido em várias línguas, foi interpretado igualmente à sua maneira. Particularmente na França.⁷

O “Dicionário de Psicanálise”⁸, editado em 1997 por Elisabeth Roudinesco e Michel Plon inclui vários artigos, entre os quais um de três páginas sobre Kemper, que o caracteriza de forma ainda mais problemática. Os autores dessa avaliação se apoiam nitidamente em Besserman Vianna. Um procedimento problemático, considerando a pretensão científica do dicionário e tendo em conta que o livro de Besserman Vianna apresenta o seu ponto de vista de forma totalmente subjetiva e não científica⁹. R.P. não dão importância à devida exatidão científica. Eles assumem não somente afirmações não conferidas de Besserman Vianna, mas também se orientam na mesma direção dela com afirmações para as quais não apresentam provas.

participantes do III Congresso Brasileiro de Psicanálise. Besserman Vianna é convencida que foi Leão Cabernite, quem encomendou o parecer grafológico.

⁶ Não entro aqui no debate sobre o que contraria na minha opinião a tese de Besserman Vianna. Veja Füchtner, 1997 e a Réplica de Besserman Vianna, 1997b.

⁷ A atenção internacional que o livro despertou tem muito a ver com a crítica - justa - que contém à IPA, da qual a própria Besserman Vianna faz parte como membro da SBPRJ.

⁸ (Roudinesco; Plon, 1997). A seguir citado abreviadamente como R.P.

⁹ O livro de Besserman Vianna contém uma série de erros objetivos em ambas as versões, cuja enumeração dispensamos aqui.

O dicionário teve por várias razões muita repercussão no Brasil. Foi traduzido logo em português e publicado numa edição brasileira aumentada.(Roudinesco; Plon, 1997/1998). Dessa forma, esta publicação deve ter contribuído para que as afirmações sobre Kemper, que hoje em dia se ouve no Brasil, lembrem o resultado de uma corrente de informação como no jogo infantil do “telefone sem fio”. Ao fim, ele não foi somente “denunciante”, “nazista”, “homem da Gestapo”, mas também “Presidente da DPG”, “chefe do “Instituto Göring” e outras coisas mais.

Dados da carreira profissional de Kemper

Antes de enumerar as acusações contra Kemper e a consistência das mesmas, resumimos os seus mais importantes dados biográficos, que têm importância para o que se segue.

Werner Walter Kemper nasceu a 06.08.1899 em Hilgen, uma cidadezinha na Westfália. Segundo filho (do total de sete) do Pastor da paróquia e sua esposa. Foi na juventude “Wandervogel” (um movimento de jovens excursionistas alemães) e membro do “Freideutschen Jugendbewegung” (Movimento da Juventude Alemã Livre). Fez vestibular em regime de urgência em 1917 e foi logo convocado como soldado para a I Guerra Mundial na Frente de Combate do Ocidente. Depois de dispensado (1919), iniciou estudos de Medicina e especializou-se em cirurgia ginecológica. Desde cedo mostrou interesse por fenômenos psicossomáticos e hipnose e em suas atividades como médico serviu-se de experiências realizadas nessa área.

Em 1928 iniciou em Berlim a sua formação de psicanalista num curso noturno no “Instituto de Psicanálise de Berlim”. Nesse tempo era “médico-chefe de um conceituado sanatório particular” (Kemper, 1973b: 265). Foi aprovado como candidato à formação de psicanalista, após as primeiras entrevistas com Eitingon e Simmel em 1927.¹⁰ Fez sua análise didata de 1928 a 1932 com Müller-Braunschweig num total de 950 horas. Iniciou sua formação teórica em 1929, tendo tido como supervisores Otto Fenichel (1929 - 1931,150 horas); Wilhelm Reich (1930

¹⁰ Este e os dados seguintes são extraídos de um formulário não datado da SPRJ . Os dados teriam sido fornecidos pelo próprio Kemper, embora não tenham sido escritos por ele mesmo (algumas palavras estão escritas erradamente em alemão).

- 1932, 110 horas); Ernst Simmel (1931 - 1932, 30 horas) e Felix Boehm (1931 - 1932, 25 horas).¹¹

Em 1931 tornou-se membro associado e em 1932 membro efetivo da DPG. Em novembro de 1933, Kemper foi nomeado por assembléia geral para o cargo de tesoureiro da DPG, juntamente com Alexander Mette. Em 1934, foi admitido como docente no “Instituto de Psicanálise de Berlim”. Nesse mesmo ano, casou com Anna Kattrin van Wickeren.¹²

A partir de 1936, tornou-se analista didata. Foi reeleito tesoureiro e nomeado terceiro diretor da DPG (diretor-presidente, Boehm; vice-presidente, Müller-Braunschweig).

Após a fundação em 1936 do “Instituto Alemão de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia” (Deutsches Institut für Psychologische Forschung und Psychotherapie), o chamado “Instituto Göring”, Kemper continuou ainda a sua atividade de docente na DPG . Após a dissolução da DPG em 1939, ele continuou a ensinar no “Instituto Göring” no “Grupo de trabalho A”(que sucedeu a DPG no Instituto). Além disso, trabalhava em seu próprio consultório. A partir de 1941, ele passou a trabalhar também na Policlínica do Instituto. Primeiro como colaborador e a partir de 1942 como funcionário fixo. (Brecht et alii, 1985²; Friedrich,1987).

Em 1943 ele passou a dirigir a Policlínica, como sucessor de John Rittmeister, preso por resistência ao nazismo em setembro de 1942 e executado em maio de 1943 .

Após o fim da II Guerra Mundial, Kemper tentou continuar em Berlim, através da criação de novas instituições, a colaboração entre psicoterapeutas de várias orientações, a que haviam sido forçados durante o regime nazista. Ele participa igualmente na fundação da nova DPG e é nomeado para seu terceiro diretor (Lockot, 1994; Wunderlich, 1991).

Kemper foi o único psicanalista de Berlim a participar na “International Conference on Mental Health” realizada em Londres em agosto de 1948. Nessa época o bloqueio de Berlim pela União Soviética (de junho de 1948 até maio de 1949) impossibilitava viagens para dentro ou fora da cidade. Deduz-se daí que ele

¹¹ Na sua biografia Kemper cita ainda Jenő Harnik como um de seus supervisores.

¹² 1905-1978. O casal teve três filhos (1938, 1940, 1943). O primeiro, Jochen Kemper, tornou-se também psicanalista.

deva ter tido a proteção de uma autoridade ocidental para poder viajar.¹³ Foi a grande oportunidade para Kemper de falar pessoalmente com Ernest Jones sobre a possibilidade de trabalhar no Rio de Janeiro como analista didata.¹⁴ Em vista do bloqueio de Berlim, o seu interesse tornara-se maior ainda. Ele temia uma guerra contra os russos, por causa de informações que recebera de um paciente “filho de um oficial americano do alto escalão”.

Finalmente em dezembro de 1948, Kemper pôde deixar Berlim de avião rumo ao Rio de Janeiro, acompanhado de sua mulher, seus três filhos, a babá e 10 kg. de bagagem por pessoa (Kemper, 1973 b).

Ele viveu em seguida no Rio de Janeiro de dezembro de 1948 até a primavera (européia) de 1967.¹⁵ Retornou então sozinho a Berlim por motivos de saúde, pessoais e profissionais. E morreu em Berlim em 27.09.1976.

Acusações e suspeitas usuais contra Kemper

No Dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon estão enumeradas as acusações mais usuais contra Kemper. Acrescentaremos mais umas, que parecem dignas de menção:

Kemper deveria sua carreira “...à *política de salvamento da Psicanálise, defendida por Ernest Jones...*”. Sob outras condições, isto é, principalmente se os psicanalistas judeus não tivessem sido excluídos do Instituto, Kemper teria permanecido um “*funcionário obscuro*” (R.P.).

Kemper teria se declarado “*favorável às teses nazistas, por ocasião de tomadas de posição de tipo eugenista e quanto a problemas de saúde pública.*”

Kemper teria sido anti-semita.

Kemper teria participado, como diretor do “Instituto Göring”, da elaboração das diretrizes da Wehrmacht (Forças Armadas da Alemanha Nazista) em relação às

¹³ Kemper refere-se a um apoio da “repartição americana responsável pela Policlínica” (Kemper, 1973b: 326). A viagem teria sido facilitada também pela “grande generosidade do ‘Foreign Office’”, que financiou as passagens e a estadia dos psicólogos e médicos alemães. (Platen-Hallermund, 1948).

¹⁴ Domicio Arruda Câmara, diretor do “Instituto Brasileiro de Psicanálise”, fundado no Rio em 1947, nos seus esforços de conseguir um analista didata para o Rio, escreveu em outubro de 1947 diretamente a Kemper e Müller-Braunschweig. Este último respondeu em novembro, recomendando muito positivamente o próprio Kemper, que se interessou pela possibilidade, juntamente com mais seis outros colegas que se candidataram. Ele indica também Schultz-Hencke, mas com algumas reservas consideráveis. (kl. Erw. Vol. 10, BA). Veja também Wunderlich, 1991: 100)

¹⁵ Sobre o seu trabalho no Rio e as críticas relacionadas ao mesmo, refiro-me detalhadamente no livro em preparação sobre a História da Psicanálise no Rio de Janeiro, para o qual a elaboração deste ensaio representa um inevitável adiantamento.

neuroses de guerra. *“Foi assim um funcionário zeloso da política de seleção inaugurada pela Alemanha Nazista, que consistia em enviar para a morte, em batalhões disciplinares, as pessoas que apresentassem anomalias psíquicas. Entre estas, estavam a angústia, a astenia e a hipocondria”* (R.P.).

Kemper teria sido *“membro do Partido Comunista Alemão”*, no mesmo tempo que proclamou a *“sua adesão ao nazismo”* (R.P.).

Kemper teria virado *“militante marxista”* após a capitulação da Alemanha (R.P.)

Kemper *nunca falou* no Brasil sobre o seu passado na Alemanha Nazista e principalmente sobre as suas atividades no *“Instituto Göring”*.

Kemper *“nunca explicou qual foi o seu papel na detenção, pela Gestapo, do militante comunista, John Rittmeister, que fora seu analisando.”*(R.P.)¹⁶

Kemper *não pode ter sido um bom psicanalista*, porque considerava o direito do paciente de calar sobre certos assuntos, acima das regras fundamentais da psicanálise. Além disso, ele não conheceria um inconsciente dinâmico, somente um inconsciente descritivo.¹⁷

As acusações acima são evidentemente de diferentes qualidades. Passo a considerar primeiramente as que são obviamente infundadas. Depois, esclarecerei as restantes.

¹⁶ Rittmester não era militante comunista. Não consideramos a seguir erros desse tipo, que não são relacionados diretamente a Kemper.

¹⁷ (Mattos, 1996). Sobre isso veja a seguir. Isto também tem relação com a freqüente crítica no Brasil, de que Kemper teria trabalhado no início nas suas análises com a ajuda de um tradutor. Mas não existe prova disso. Três de suas primeiras analisandas (Inês Besouchet, Maria Manhães e Inaura Carneiro Leão) contestaram veementemente essa acusação. Inaura Carneiro Leão lembra-se ainda inclusive de certos erros de Português, que Kemper costumava cometer no início. (Entrevista de 09.01.1995). O argumento de que Kemper não compreenderia suficientemente Português, não me parece imperativo. Para alguém que já aprendera Grego, sobretudo Latim e falava um pouco Francês (Veja dados sobre Kemper na sua ficha do *“Instituto Göring”*), e sendo mais ou menos doado para línguas, é suficiente um meio ano de permanência no país para falar passavelmente Português. Eu mesmo comecei uma análise no Brasil em Português com menos de meio ano de permanência e certamente tinha de falar como analisando muito mais do que o analista. Aliás, para ser exato, note-se que Kemper, conforme se lembra seu filho Jochen, teria em Berlim após o fim da II Guerra Mundial se servido da ajuda de sua colega/analisanda Gisela Krichhauf no seu trabalho psicoterapêutico com pacientes de língua inglesa. Por isso ele mesmo não exclui totalmente a possibilidade de Kemper ter-se servido de uma ajuda para realizar as suas primeiras análises no Rio. Incontestável é que Kemper durante muito tempo serviu-se nos seus seminários de um tradutor: seu colega médico e mais tarde analisando Luiz Guimarães Dahlheim (Kvapil et alii, 1996).

Militante marxista

O boato – reproduzido em R.P. – de que Kemper teria sido durante o nazismo membro do Partido Comunista, vem provavelmente do relatório de Rickman.¹⁸

O psicanalista inglês, John Rickman, foi enviado à Alemanha em outubro de 1946 por uma organização das Forças Aliadas,¹⁹ com a incumbência de contatar pessoas que haviam sido contrárias ao regime nazista e estavam dispostas a colaborar

na reconstrução de uma Alemanha democrática. Ele deveria descobrir através de entrevistas “com os membros dirigentes da Sociedade Psicanalítica Alemã”, se havia eventualmente entre eles pessoas apropriadas para futuros colaboradores ou pessoas, cujas opiniões e capacidades denotavam a influência dos 12 anos do regime nazista.

O parecer de Rickman sobre Kemper é, no total, positivo, comparado à maioria dos outros membros. Ele conclui o relatório inclusive com o comentário, que se Sodoma e Gomorra pudessem ter sido salvas por contarem pelo menos um justo, no caso de Berlim, teriam sido três: Käthe Dräger, Margarete Steinbach e Kemper. Rickman comenta entre parênteses, que Kemper teria sido comunista, aludindo ao fato dele ter conseguido influenciar favoravelmente a mulher do chefe do “Instituto Göring”, sua analisanda, no interesse do grupo de psicanalistas do Instituto.²⁰

Fora dessa observação de Rickman, não existe nada que prove que Kemper teria sido comunista durante o nazismo. Em compensação, passou despercebido a Rickman, que Käthe Dräger era comunista.²¹ Nesse contexto, o que é espantoso e até irritante em relação a Kemper, é que apesar dele ter sido ligado a alguns

¹⁸É surpreendente que R.P. cite o boato. A contradição em si conduz implicitamente à possibilidade não excepcional numa ditadura totalitária, de que a posição que alguém assume publicamente não corresponda forçosamente às suas convicções verdadeiras. Esta possibilidade porém não é nem cogitada por R.P. em relação a Kemper. Ela tornaria necessário um julgamento diferenciado do seu comportamento.

¹⁹ Junto com Money-Kyrle, um antropólogo e psicanalista pela “German Personal Research Branch”. Veja sobre isso e o relatório impresso de Rickman, em King, 1988.

²⁰ Estas informações lhe teriam sido fornecidas pelo próprio Kemper “até um certo grau”, Steinberg e Müller-Braunschweig.

²¹ Veja Locket, 1994: 188 pp.. O fato do parecer de Rickman não ser uma fonte segura, diminui naturalmente o valor de sua apreciação positiva de Kemper. R. P. critica em Rickman que ele o caracterizou de maneira elogiosa, “*sem interrogá-lo sobre suas ambiguidades, seus silêncios e sua capacidade de manipular os enigmas.*”

colegas e professores socialistas e comunistas - antes e depois de 1933 - é como se as idéias políticas dos mesmos não tivessem tido a menor significação para ele.²²

A afirmação de que Kemper teria sido comunista, senão antes da II Guerra Mundial, então depois, é considerada como um fato por R.P. O que fornecem como prova disso fala por si: *“Depois da capitulação da Alemanha, Kemper se transformou em militante marxista e participou com Schultz-Hencke de uma reunião de psiquiatras na parte Leste de Berlim, ocupada pelas tropas soviéticas. Contribuiu assim para a reconstrução na República Democrática Alemã (DDR) de uma escola de psicoterapia de tipo pavloviano, visando liquidar o freudismo. Depois de colaborar com o nazismo para a destruição da psicanálise por motivo de judeidade, contribuía com igual zelo para a política stalinista de rejeição às teses freudianas, que iria estender-se a todos os países dominados pelo socialismo de inspiração soviética depois da partilha de Yalta.”* Esta citação contém mais erros do que frases. Seus autores não se dão sequer ao trabalho de comprovar as suas afirmações.

No que diz respeito ao papel de Kemper na Alemanha Nazista, refiro-me mais adiante. Quanto à indicação do encontro de psiquiatras em Berlim Oriental, R. P. só podem basear-se num dos dois acontecimentos abaixo.

Kemper e Schultz-Hencke participaram e pronunciaram palestras no “encontro profissional” de neurólogos e psiquiatras da Zona Soviética realizado em novembro de 1946. A contribuição científica de Kemper teve como tema a relação entre psiquiatria e psicoterapia, assunto que o interessava particularmente e que nesse encontro foi tema de discussão de mais duas palestras. Kemper avaliou isto como um sinal positivo (Höck, 1979: 9).

Kemper também participou no “I Encontro Científico de Psiquiatras e Neurólogos” realizado no fim de maio de 1948 na Zona Soviética.²³ Nesse encontro participaram mais de 350 psiquiatras e neurólogos da Alemanha inteira. No terceiro dia do programa, dedicado ao tema “Psicoterapia e Medicina Psicológica”, apresentaram contribuições, entre outros, Kemper, Schultz-Hencke, Schwidder, Kühnel e Mette. Nesse dia coube a Kemper a palavra final.

²² É irritante principalmente no que se refere à sua avaliação dos nazistas, mas também no que diz respeito à sua falta de compreensão sociológica em geral. No mais, Kemper, apesar de totalmente apolitizado no sentido estreito do termo, era uma pessoa que demonstrava sensibilidade para com os problemas sociais. Tanto na Alemanha como no Brasil, ele sempre se engajou no sentido de que também pacientes pobres pudessem ter acesso à psicanálise.

²³ Nos seus dois livros Cocks data em 1949. Erradamente, conforme documentos existentes. Kemper já se encontrava então no Brasil.

A participação de Kemper nesses acontecimentos não denota nenhum engajamento comunista em si e muito menos um pretenso engajamento de sua parte no desenvolvimento de uma psicoterapia de tipo pavloviano na Alemanha Oriental.²⁴

Note-se que o primeiro encontro foi realizado, quando a Alemanha era ainda dividida em quatro zonas de ocupação. O fracasso da política alemã na conjunção das quatro forças aliadas iria assinalar-se só a partir de 1947. A fundação da Alemanha Oriental deu-se somente em outubro de 1949. Além do mais, só no início da década de cinquenta é que na Alemanha Oriental iriam surgir esforços no sentido de transformar a Psicologia numa ciência materialista.²⁵ O trabalho de Pavlov era pouco conhecido no início da década de cinquenta.²⁶

Além disso, é comprovado que Kemper imediatamente depois da II Guerra Mundial se engajou com todo entusiasmo e dedicação no restabelecimento ou na criação de novos institutos, nos quais exerceu funções de direção.²⁷ Ele fundou junto com Schultz-Hencke, já em 14 de maio de 1945, o “Instituto de Psicopatologia e Psicoterapia”, uma recriação do antigo “Instituto de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia”, que deveria limitar-se, de acordo com as suas idéias, principalmente a funções policlínicas. A formação psicoterapêutica sistemática deveria ser organizada numa outra instituição. O fato da fundação do Instituto se realizar -“*com o incentivo e consentimento do comandante russo responsável pelo distrito*”- não tem a ver com a orientação política de Kemper, mas simplesmente com o fato de que nesse tempo Berlim inteira estava ainda sob controle soviético.²⁸ Em março do ano seguinte, o Instituto foi incorporado por uma instituição de seguro de saúde de Berlim, a VAB (Versicherungsanstalt Berlin) e passou a chamar-se “Instituto Central de Doenças Psicogenéticas da VAB” (Zentralinstitut für Psychogene Erkrankungen der VAB).

²⁴ Cocks pensa semelhante. Veja abaixo.

²⁵ (Schunter-Klemann, 1980). Sobre a fase de Pavlov, veja também Höck, 1979 e Ernst, 1997. Se Kemper tivesse tido interesse numa carreira na Alemanha Oriental, não teria recusado a direção de uma planejada Policlínica Psicoterapêutica para o Hospital de Psiquiatria da Universidade Humboldt, o que lhe daria inclusive o título de professor universitário. (Wunderlich, 1991: 110)

²⁶ Mas nesse encontro Schultz-Hencke referiu-se na sua palestra às idéias de Pavlov, se bem que esse seu interesse era mais velho. Veja Schultz-Hencke, 1946 e Kohte-Meyer, 1998. Pavlov já o interessara no “Instituto Göring” (Cocks, 1975). Mesmo que no seu caso se possa pretender com alguma razão que ele quis acabar completamente com o freudismo, são completamente infundadas as suspeitas de que ele teria querido se tornar pavloviano. (Veja sobre isso também abaixo).

²⁷ Sobre isso existem os protocolos da época escritos por Kemper, assim como por Schultz-Hencke, conservados no Arquivo Federal da Alemanha de Koblenz. Veja principalmente Wunderlich, 1991.

²⁸ A divisão em quatro zonas de ocupação ocorreu em julho de 1945. Berlim era regida por um Conselho dos quatro comandantes dos países aliados, que se revezavam na presidência, até que a União Soviética se retirou do Conselho em junho de 1948. Veja Kohte-Meyer, 1998: 239; Kemper, 1947; Kemper, 1973b).

Kemper fundou ainda a “Comissão de Docentes de Berlim” (Berliner Dozentenausschuß) em 1946, ampliada em 1947 no “Instituto de Psicoterapia”.

A sua participação na fundação da nova “DPG” e a sua eleição para seu terceiro diretor em 1945 já foi mencionada antes.

É muito estranha a afirmação de R.P., de que Kemper teria se engajado na reconstrução de uma psicoterapia orientada na Escola de Pavlov com o objetivo de acabar com o freudismo, considerando a orientação científica de suas publicações. Nelas ele se afirma como um verdadeiro freudiano. Aliás, ele próprio se caracterizou como “um discípulo ortodoxo de Freud” (Kemper, 1955: 197). No máximo, poder-se-ia acusá-lo de um certo ecletismo, uma constante na sua formação. Quando ele ainda era um principiante, foi introduzido por Edith Jacobson num pequeno “círculo interconfessional” de psicoterapeutas de diferentes escolas e psicoterapeutas, que não eram ligados a nenhuma escola, no qual também participava Schultz-Hencke (Kemper, 1973 b). Mais tarde ele sempre acentuou que a cooperação forçada entre os psicoterapeutas de diferentes orientações dentro do “Instituto Göring” tinha também o seu lado positivo. Porque dessa maneira eles tinham de se confrontar com outras posições.²⁹

Durante todo o seu tempo na Sociedade Psicanalítica no Rio de Janeiro sempre foram incluídas no ensino também as teorias de Adler, Jung e Schultz-Hencke, entre outras (Sério, 1998: 230).³⁰

O pretense pavlovismo atribuído a Kemper, também não parece plausível a um leitor atento do Dicionário. Num outro trecho (“Alemanha”) está escrito que Ernest Jones enviou Kemper ao Brasil para difundir o “freudismo”.

²⁹ Não se pode excluir que alguns dos que apreciavam ouvir esta opinião, estivessem interessados numa teoria de inspiração marxista (Cocks, 1997: 358). Todavia não se pode deduzir disso que a orientação de Kemper era marxista.

³⁰ Talvez a acusação de pavlovismo se explique numa atribuição errada a Kemper da opinião de Schultz-Hencke, seu amigo até a morte. Schultz-Hencke, visando uma possibilidade de colaborar com instituições russas em Moscou e Charcov, desenvolveu uma “neopsicanálise”, que poderia ser formulada também reflexológica e instintofisiopsicológica (Kothe-Meyer, 1998: 49). A amizade entre Kemper e Schultz-Hencke pode ter tido um papel nas demais caracterizações de Kemper por R.P. Nota-se que todas as citadas acusações contra Kemper – nazista, comunista, anti-semita – são atribuídas literalmente também contra Schultz-Hencke. Não vou poder entrar aqui nessas considerações. O tom da caracterização de Schultz-Hencke por R.P. dá a impressão de que também nesse caso o julgamento não é fundamentado imparcialmente.

Kemper e Rittmeister

A afirmação de que Kemper nunca esclareceu o seu papel na detenção de Rittmeister implica numa suspeita séria. No artigo “Rittmeister” de R.P. esta suspeita é formulada de forma clara:

“ É difícil saber em que condições Rittmeister foi detido pela Gestapo com sua mulher em 26 de setembro de 1942. Teria sido denunciado por Werner Kemper ou foi simplesmente apanhado na diligência policial contra a Orquestra Vermelha, depois da prisão de Schultze-Boysen um mês antes? O papel de Werner Kemper neste caso não ficou de modo algum esclarecido. Kemper analisava tanto Rittmeister como Erna, mulher de Mathias Heinrich Göring. Em sua biografia, ele afirmou ter “protegido” Rittmeister, usando com Mathias a influência transferencial que adquirira sobre Erna. Mas se tivesse sido assim, por que Rittmeister não foi prevenido sobre a iminência de sua detenção?”

Na verdade, Kemper relata que acontecia que “por exemplo, a Sra. Göring, com base nas informações que tinha, dava discretamente indicações, que em si eram insignificantes, mas que para quem tinha bons ouvidos, eram suficientemente compreensíveis”.³¹ Em vista das relações na ditadura nazista, a pergunta de R.P. - por que Kemper não avisou Rittmeister - pressupõe uma idéia ingênua do funcionamento de uma perfeita corrente de informações, na base, Gestapo – Hermann Göring – primo Mathias Göring – sua esposa e analisanda Erna Göring – analista Kemper. Os autores deveriam ter feito mais esforço em averiguar a verdade, em se tratando de uma suspeita de denúncia grave. Inclusive a afirmação de que Kemper teria escrito na sua biografia que teria “protegido” Rittmeister também não confere.

A História da “Orquestra Vermelha” está relativamente bem pesquisada e nesse sentido existe bastante material que contradiz esse tipo de especulação, inclusive sobre a biografia de Rittmeister.³² É conhecido o desenrolar dos acontecimentos que precederam a prisão de Rittmeister. Schulze-Boysen, Harnack e Kuckhoff já vinham sendo vigiados e seus telefones escutados pela Gestapo desde a metade de julho de 1942. No final de agosto desse ano tiveram início as prisões. Schulze-Boysen foi a primeira vítima. E Liane Berkowitz, que pertencia ao grupo de

³¹ Trecho extraído da gravação de uma palestra de Kemper, pronunciada em 22.09.1973 em Berlim, que se refere ao seu tempo na Alemanha entre 1933 e os primeiros anos depois da I Guerra Mundial. Agradeço esta aquisição ao Dr. Alfred Köhler, Berlim.

Rittmeister, informou John e Eva Rittmeister sobre o ocorrido. Assim eles puderam ainda destruir quase todos os documentos comprometedores (Trepper, 1975: 353; Tuchel, 1992: 95). Ambos foram presos na própria residência na manhã do dia 26.09.1942, às cerca de seis horas.³³ Além do mais, está comprovado que Kemper, após a prisão de Rittmeister, não se comportou para com ele conforme as instruções de Göring dadas aos membros do Instituto. Ele foi o único colega a não romper o contato com Rittmeister e inclusive a escrever-lhe à prisão. Parte dos apontamentos que Rittmeister anotou na prisão com muita dificuldade em papel de embrulho refere-se à sua confrontação com Kemper como analista.³⁴ Rittmeister refere-se a ele em várias observações muito críticas, mas também no sentido positivo, frisando o “testemunho de Kemper” (idem. p. 55). Ele acentua “o muito que espera de Kemper”, isto é, “que ele obtenha, tanto junto à Gestapo como junto a Göring, compreensão para a sua substancial inocência” (idem, p. 65). Kemper menciona que teria tentado sem sucesso uma permissão para visitá-lo ainda na noite da véspera de sua execução, através da mediação do pastor da prisão.³⁵ Ele visitou depois na prisão a mulher dele, que havia sido liberada logo, mas que foi presa novamente e condenada a cinco anos de prisão. Aliás logo que ela pôde sair da prisão, ela procurou Kemper em Berlim e pernoitou em sua casa.³⁶

Este dado não é surpreendente, tendo em conta que Rittmeister e Kemper eram amigos e os dois casais mantinham anteriormente contatos sociais. Além

³² Veja Blank, 1979; Coppi, 1994; Griebel, 1992; Höhne, 1972; Perrault, 1990; Scheel, 1993; Trepper, 1975; Tuchel, 1992; Bräutigam, 1998; Gostomski; Loch, 1969; Kemper, 1968; Müller-Braunschweig, 1949; Schultz, 1981; Teller, 1992; Rittmeister, 1992.

³³ Rittmeister não foi preso numa sessão de análise com Kemper, como acredita o seu filho Jochen. (Entrevista com o autor em 10.01.1995).

³⁴ As anotações feitas por Rittmeister na prisão foram reunidas para publicação no fim da década de sessenta pela sua viúva e seu irmão. Mas nenhum editor se interessou na época. (Teller, 1992). Os apontamentos de Rittmeister já

havia sido parcialmente publicados antes em jornais (Rittmeister, 1949; Rittmeister-Hildebrandt, 1965). Os publicados por Teller não são literalmente idênticos.

³⁵ (Kemper, 1967) Trata-se do Pastor Harald Poelchau, que nesse tempo começara sua formação psicanalítica no Instituto e era analisando de Boehm. Na opinião de Poelchau, o Instituto não se adaptara politicamente ao regime, “e mesmo o nome e a obra de Freud não eram desprezados aqui” (Poelchau, 1963). Uma carta de Kemper datada de 1967 (Kemper, 1967) dá a impressão de que ele ignorava até então do que havia sido acusado Rittmeister. Ele afirma erradamente que Rittmeister teria sido condenado e executado na Justiça Nazista por Freisler “*como membro de um grupo da resistência, que participara de um atentado contra Hitler*”. Esta carta foi anexada por Kemper a uma carta dirigida a K.R. Eissler. Agradeço a Michael Schröter (Berlim), ter-me colocado à disposição as duas cartas.

³⁶ Informação pessoal em 23.03.1998. Na sua documentação, Griebel (1992) indica que Eva Rittmeister esteve detida na prisão feminina de Leipzig-Kleinmeusdorf a partir de julho de 1943. Teve férias autorizadas de 01. – 3.04.1944 em Berlim e a partir de 14.04.1945, a pena interrompida “indefinidamente”, indo morar com sua mãe em Großenhain.

disso, Kemper era analista didata de Rittmeister, que - conforme documentado - continuou a sua confrontação com ele nesse sentido na prisão.

Rittmeister deve ter iniciado a sua análise com Kemper em 1938/39. Segundo Kemper, ela estava próximo do fim, quando ocorreu a sua detenção.³⁷ Ela já havia sido interrompida várias vezes em 1942. Primeiro devido a convocação de Kemper para o serviço de proteção contra os bombardeios; por motivo de doença de Kemper e finalmente por causa do seu serviço militar.³⁸

Rittmeister critica em Kemper, de um lado, tendências junguianas; de outro, que ele superestimaria a importância dos problemas sexuais : “estando estes em ordem, o resto se arranjará por si”. E que desta maneira, “fantasia, relacionamentos, as aspirações extraordinárias, técnica de trabalho, conhecimento humano, normas de vida (disciplina), ficariam sem ser analisados”. Também que Kemper focalizaria bem “as inibições e atitudes grosseiras, mas não as finas, aquelas que têm de ser questionadas e de se nomear para poder corrigi-las”. Que ele não possuiria “um conhecimento abstrato de modelos de vida, de autodisciplina, regulamentos de vida, apesar de possuir com certeza uma adaptação prática disso para seu uso doméstico”.

Rittmeister receava que Kemper tivesse “*uma imagem muito otimista dele*”. Segundo ele, “*a análise tinha se tornado sem sentido e não o atingia na substância. Kemper deveria perguntar mais, criticar, incentivar, dar indicações de como agir perante minhas fraquezas disponíveis e que deveriam ser esclarecidas (a sensibilidade, a sugestibilidade, que há por trás da crítica), a tendência à fragmentação*” (Teller, 1992: 106).

Evidentemente essas críticas referem-se ao analista e não ao amigo Kemper.

Não é claro ao que Rittmeister se refere nos seus apontamentos na prisão quando cita nominalmente o “testemunho” de Kemper. Mas é claro que mesmo depois dele ter perdido as esperanças de que Kemper pudesse ajudá-lo, como esperava no início na prisão, isto não diminuiu a sua estima. Conforme os seus apontamentos, ele avaliou a sua situação de forma muito irrealística no início na prisão, ou seja, muito otimista. Não parece plausível supor que Kemper tivesse podido ajudá-lo naquela situação e podido impedir o pior com o seu “testemunho”, considerando a importância que o regime nazista atribuía àquela parte da

³⁷ Kemper foi o terceiro analista de Rittmeister, após uma análise interrompida com Hans von Hattingberg no início da década de vinte e uma análise didata iniciada na metade da década de trinta com Gustav Bally.

³⁸ Hermanns (1985) indica que a análise não teria sido mais continuada depois. Veja Hermanns, 1982.

resistência; a extensão alcançada da destruição da “Orquestra Vermelha” (a organização que se atribuía por trás do pequeno grupo de resistência, do qual fazia parte Rittmeister), com mais de cem prisões em pouco tempo só na Alemanha, e, principalmente, tendo em conta as acusações que pesavam contra Rittmeister de “preparação de alta traição e favorecimento do inimigo”.³⁹ Em todo caso, o próprio Rittmeister acabou perdendo a esperança, mas a sua confiança em Kemper continuou inabalável. Na carta de despedida ao irmão, escrita pouco antes de sua execução, ele lhe diz de procurar o Dr. Kemper “*que me conhece tão bem e as minhas complexidades*” (Teller, 1992: 168).

Existem alguns comentários de Kemper sobre Rittmeister, feitos após o fim do regime nazista. Ele menciona na sua biografia resumida (Kemper, 1973 b), por exemplo, que a sua relação próxima com Rittmeister não se limitava só à colaboração no Instituto. Em 1968, ele não deixa passar despercebido na “Psyche” o vigésimo quinto aniversário da morte de Rittmeister.⁴⁰ Também publica na ocasião um necrológio, no qual se exprime de forma distanciada, mas sensível.⁴¹ Nele se nota que Kemper não faz relação entre as qualidades de carácter de Rittmeister e a sua atitude de resistência contra o regime nazista. Isto transparece sobretudo quando ele se refere a um ensaio de Rittmeister, no qual ele fala da relação da “função terapêutica e um novo humanismo”. (Rittmeister, 1936/1985). Kemper menciona que Rittmeister fala do dever da “*eliminação da miséria social e do sofrimento dos desprotegidos*”, mas relaciona a “função humanística”, a que Rittmeister se sentia obrigado, apenas à sua atuação como médico, “particularmente como chefe da antiga Policlínica Psicanalítica de Berlim”, e não à sua atuação política.⁴² Todavia Rittmeister visava, além da cura mental privada, principalmente o “bem-estar social”. (Veja Bräutigam, 1992).

³⁹ Na opinião de Cocks, nem a influência do chefe do Instituto Göring e de sua relação com o Marechal Göring, seu primo, teria sido suficiente para salvar a vida de Rittmeister, mesmo que este tivesse tentado seriamente (Cocks, 1985: 165 pp.).

⁴⁰ A “Psyche” publica então um ensaio de Rittmeister. (Rittmeister, 1936/1968, republicado novamente em PsA. Info, Nr. 26, 1985)

⁴¹ Kemper atribuiu a Rittmeister provavelmente a sua própria visão das coisas, quando escreve que ele sentiu “até o fim alegria e satisfação” na chefia da Policlínica do “Instituto Göring”. Kemper, W. (1968): John F. Rittmeister zum Gedächtnis. In: Zschr. psychosom. Medizin, Vol. 14 / 1968: 147-149. Nos apontamentos de Rittmeister na prisão, acha-se esta observação (de 08.11.1942): “*Com toda energia para produzir, desenvolver temas. Gostaria de trabalhar mais cientificamente agora. Fazer proposta a Göring. Trabalhei tempo suficiente na Policlínica*”.

⁴² Não se pode excluir inteiramente a possibilidade de que Kemper não se referiu ao aspecto político da biografia de Rittmeister, porque mesmo nesse tempo ainda era um assunto difícil. Por isso, Eva Rittmeister-Hildebrand, a viúva de Rittmeister, e seu irmão, Wolfgang, não conseguiram um ano antes editar os apontamentos de Rittmeister na prisão. O grupo ligado a Harro Schulze-Boysen, do qual fazia parte Rittmeister, foi difamado como um grupo de espionagem manobrado pela União Soviética. Hermanns relata que nas suas

“O mundo externo não devia ser obscurecido subjetivamente, porque isto leva a aceitar com resignação e humildade as condições sociais de precariedade de existência das massas e a abrir caminho para outros com uma “híbrida compulsão de expansão” exercerem todo tipo de arbitrariedade”.

Evidentemente Rittmeister pensava politicamente e não limitava o seu engajamento humanístico apenas à sua atuação como médico. Kemper não se estende a essas considerações. As suas conclusões confirmam a crítica de Rittmeister feita ao analista. O próprio Kemper reconhece que “não tinha sido adequado” na sua função de analista de Rittmeister numa carta datada de 1974. E vai além, *“não como acredito que poderia ser hoje. Uma dúvida, que pesa mais ainda, quando surge a nova dúvida, se teria sido desejável um outro resultado no interesse da boa causa que ele representava. Trata-se sempre de uma escalada íngreme com risco de se cair de um lado e do outro”* (citado em: Schulz, 1981: 19). Kemper parece pensar, que talvez uma análise bem-sucedida teria impedido Rittmeister de se dedicar à “boa causa”, isto é, o teria impedido de se colocar em perigo de vida por resistência ativa. Ou mais drasticamente formulado: um Rittmeister menos neurótico não teria ousado a desejável resistência contra o regime e assim arriscado e perdido a sua vida. Note-se, porém, que a questão se um engajamento político é certo ou errado, não tem nada a ver primordialmente com as motivações psíquicas que existem por trás. Eventualmente secundariamente, no sentido, se as condições psíquicas permitem as exigências e riscos concernentes às implicações práticas e a pressão psíquica da atividade política.⁴³ O que não se pode pretender, é que pessoas de mente sadia não arrisquem a sua vida na luta contra um regime totalitário e criminoso. A compreensão de Kemper para com o engajamento político de Rittmeister parece ter sido, de fato, limitada.

Carreirista

A afirmação que Kemper teria permanecido um “funcionário obscuro”, se não tivesse feito carreira no regime nazista, também não parece plausível, em vista de sua comprovada produtividade. O rigoroso Fenichel, que o conhecia muito bem das

pesquisas junto a velhos membros da DPG observou “freqüentemente um velho ressentimento contra Rittmeister”, em afirmações do tipo que “ele teria só servido de espião para os russos, assim traído a pátria e posto em perigo a sobrevivência da psicanálise no Instituto”. (Hermanns, 1991). Como vimos, Rittmeister é até hoje apostrofado de “militante comunista” (R.B. 1997).

⁴³ Veja Füchtner, 1978

150 horas de supervisão e seminários conjuntos, como sobretudo o “seminário das crianças” avaliou o jovem Kemper como “certamente muito talentoso”.⁴⁴

Ao longo de sua vida, Kemper revelou-se um autor muito produtivo. Manifestou-se em numerosas publicações científicas de forma competente e escreveu vários livros sobre diversos temas. Inclusive alguns livros seus chegaram a atingir um grande público.⁴⁵ Além disso, foi um organizador incansável tanto na Alemanha como no Brasil. Paralelamente ao seu trabalho de analista e analista didata, fundou várias instituições psicanalíticas e participou na criação de outras tantas e também em numerosos trabalhos de cooperação internacional psicanalítica. No Rio, foi um dos pioneiros da análise de grupo.

A acusação que Kemper teria feito carreira no regime nazista é, porém, correta num aspecto. Ele fez carreira na DPG. E, nesse sentido, tem-se de relacionar o fato que ele, logo após o término de sua formação, tenha-se tornado tão rapidamente membro regular e tesoureiro da DPG com a discriminação e exclusão dos seus membros judeus.⁴⁶ Assim como a sua admissão logo no ano seguinte para o Conselho de Ensino.⁴⁷ Como membro “ariano”, Kemper precisava apenas dizer sim para continuar a subir. Nesse sentido, pesa particularmente o fato dele ter aceito a sua eleição para a diretoria em 1936, após a exclusão dos membros judeus. Assim ele facilitou substancialmente o processo de adaptação à ditadura nazista na DPG. Ele poderia ter evitado essas funções sem se arriscar politicamente.⁴⁸ Pelo menos nessa altura, ele já deveria ter percebido, a que tipo de regime ele e a DPG já estavam se adaptando. Mas ele continuou vendo ainda esse passo “como uma

⁴⁴ Circular de março de 1934 (Fenichel, 1998).

⁴⁵ Ele se tornou conhecido no círculo especializado com o livro “Die Störungen der Liebesfähigkeit beim Weibe” (Os distúrbios da capacidade de amar na mulher), Kemper, 1942, 1975. Seu livro sobre sonhos foi um dos primeiros volumes da série “enciclopédia alemã Rowohlt” de sucesso. Na bibliografia anexa não estão indicadas todas as suas publicações.

⁴⁶ Veja circulares de março e abril de 1934. Em 1932/33 a DPG tinha 56 membros e só nove “arianos” (Brecht, 1988).

⁴⁷ Em agosto de 1934, 24 dos 36 membros regulares da DPG deixaram a Alemanha. Dos 12 docentes, só restaram dois (Brecht et alii, 1985: 64). Veja carta de Jones a Anna Freud em Steiner, 1989: 607.

⁴⁸ Mas para isso ele teria tido de se opor à política de adaptação de Boehm, Müller-Braunschweig e Ernest Jones. Isto talvez o teria prejudicado profissionalmente, mas só a longo prazo, posto que ele pôde continuar sobrevivendo independentemente dos rendimentos do seu consultório ainda durante muitos anos. Mas, no caso, não é muito provável que ele tivesse podido ser liberado das obrigações militares e outras obrigações do regime para trabalhar relativamente protegido no Instituto Göring. Não me estendo aqui aos detalhes da política de adaptação do Presidente da IPA, Ernest Jones, e ao fato que Anna Freud também acreditou durante muito tempo que se poderia “salvar” a psicanálise na Alemanha por meio de uma política de adaptação. (Nitzschke, 1990). Veja também Brecht, 1987; Brecht, 1985; Friedrich, 1987; Locket, 1985; Locket, 1994; Müller-Braunschweig, 1949; Nitzschke, 1992; Nitzschke, 1998; Schröter, 1998; Sterba, 1982/1985). O próprio Kemper observou em relação ao seu papel na diretoria, que Boehm e Müller-Braunschweig decidiram sozinhos no essencial “o destino” da psicanálise na Alemanha Nazista (Kemper, 1973: 280)

solução passageira e necessária de ajuda” (Kemper, 1973b: 272). Mais tarde, ele viu a alternativa assim: *“nos calar forçadamente ao risco de deixar cair no esquecimento público todo o conhecimento científico adquirido até então, ou tentar, apesar das proibições, mantê-lo vivo e até desenvolvê-lo, não citando explicitamente em passagens insuspeitas as fontes originais, nem seus autores proibidos e nos exprimindo assim numa linguagem, que o público interessado entenda que para ele o proibido continua acessível”* (Kemper, 1942/1975: XIII)⁴⁹ Ele se referiu mais tarde inclusive ao próprio Freud, que esclareceu que para ele não era importante *“que seu nome fosse citado, mas que a sua obra fosse representada corretamente”* (idem). Na retrospectiva Kemper já não parecia mais seguro se teria sido mesmo uma representação correta da obra de Freud.⁵⁰ Ele considerou como o mais importante a continuação do trabalho da Policlínica do Instituto de Berlim, que teria permitido que muitos pacientes fossem protegidos da perseguição do regime nazista. Posteriormente ele admitiu que a sua *“falta de percepção inicial”* da realidade política, *“hoje nos parece dificilmente compreensível”* (Kemper, 1973b: 271).⁵¹

Existe um manuscrito em português, não datado, sobre a biografia de Kemper. A primeira parte é um resumo formulado na terceira pessoa dos três primeiros capítulos da sua *“Apresentação autobiográfica”*. A segunda parte é, na essência, a tradução do quarto capítulo da mesma (*“América do Sul”*). Falta o quinto capítulo (*“Retorno e Desfecho”*).⁵² Nota-se que o trecho referente à eleição de Kemper em 1936 como terceiro membro da diretoria da DPG, por indicação de Boehm e Müller-Braunschweig, contém uma observação entre parênteses que não está incluída na minuciosa *“Apresentação autobiográfica”* alemã. Trata-se do seguinte: *“daí as falsas acusações...”*. Deduz-se então que provavelmente as acusações referentes à carreira de Kemper, quando ele ainda vivia, relacionavam-se só, ou sobretudo, à sua ascensão na DPG. E não, em geral, ao seu trabalho no *“Instituto Göring”*. A posterior acusação de carreirismo no Instituto carece no entanto de fundamento, considerando os seguintes fatos:

⁴⁹ Foram poucos os colegas *“arianos”*, que se solidarizaram com os psicanalistas judeus e emigraram. O mais conhecido é Bernard Kamm. Müller cita seis outros nomes. (Müller, 2000: 83). Veja sobretudo Lockett, 1985.

⁵⁰ *“Se é possível de se trabalhar analiticamente num tal instituto, é um outro problema”*(Kemper, 1973b).

⁵¹ Ele foi inclusive muito honesto ao admitir numa entrevista, que não estava seguro, de que se fosse *“político”* talvez tivesse apoiado também os nazistas. (Cocks, 1985:18 e 53). Mas logo após a ascensão ao poder dos nazistas, ele foi político o suficientemente para enviar regularmente relatórios a Fenichel no exílio. Também mais tarde, ele não se filiou ao Partido Nazista, apesar da pressão de Göring no Instituto.

⁵² Esse manuscrito pode ter servido de base para a *“Apresentação autobiográfica”*, feita antes do retorno de Kemper para a Alemanha. Este documento (entre muitos outros) foi-me generosamente cedido por Nádía Maria Sérgio.

Até 1942 Kemper não tinha vínculo empregatício com o “Instituto Göring”, embora tenha sido de fato membro do mesmo desde o início do seu funcionamento. Como indicamos acima na relação de seus dados biográficos, Kemper já ensinava desde 1934 no Instituto Psicanalítico da DPG, integrado ao “Instituto Göring” por força da adaptação das instituições alemãs ao regime nazista (“Gleichschaltung”, “uniformização”). Sob este ponto de vista, seria necessário diferenciar que a sua carreira no mesmo foi como membro da DPG e não como membro propriamente dito do Instituto. Neste, ele continuou o seu trabalho como docente da DPG e mais tarde no denominado “Grupo de Trabalho A”, que sucedeu a DPG, após a sua completa extinção em 1939. A partir de 1941, Kemper passou a trabalhar na Policlínica do Instituto na função de colaborador. Ele continuou trabalhando no Instituto nessa condição, isto é, sem ser funcionário fixo, até 1942 (Friedrich, 1987). Quando Kemper sucedeu então Rittmeister na direção da Policlínica, ele nem era o candidato favorito de Mathias Göring, chefe do Instituto. Este teria preferido confiar a direção da mesma a Scheunert, mas este não fora liberado do serviço militar, ao contrário de Kemper, que era mais velho. Mathias Göring nomeou então Kemper, que em vista de sua qualificação já colaborava há muito tempo na Policlínica do Instituto.⁵³

Anti-semita

Não há em nenhuma afirmação de Kemper indício de que ele teria sido anti-semita. Além do mais, ele tinha relações de amizade com vários colegas judeus. Por exemplo, Wilhelm Reich, o qual, segundo informação do próprio Kemper e de sua mulher, Anna Kattrin, ele teria ajudado a fugir da Alemanha.⁵⁴ Ainda no verão de 1939, Kemper encontrou-se com Reich num pequeno balneário nos arredores de Copenhague por ocasião da realização de um encontro do círculo dinamarquês - norueguês de trabalho de Reich.⁵⁵ Ele deve a esta relação, o seu primeiro

⁵³ “Adequado seria o experimentado membro do Partido G. Scheunert, de experimentada competência na área de terapias curtas”. Assim Annemarie Dührssen Göring cita literalmente Göring numa carta de 16.03.1998 ao autor. Ela supõe também que Schulz-Hencke não foi cogitado para o lugar, porque era casado com uma mulher “não-ariana”. Veja Dührssen, 1994:181 e Cocks, 1983 e 1985. Nesse contexto, deve-se considerar também que a Policlínica foi aumentada a partir de 1942 (Dräger, 1971: 265).

⁵⁴ (Kemper, 1967). Ele próprio indica que também teria ajudado Lotte Liebeck. E Kattrin Kemper teria contado o mesmo sobre Reich ao filho Jochen. (Veja Sérgio, 1998: 250).

⁵⁵ Ele aproveitou a ocasião para conhecer a vegetoterapia de Reich em sessões particulares diárias de uma hora (Kemper, 1973: 324). Isto explica talvez, que se pretenda no Rio, que ele se deixou analisar novamente por Reich. (Veja Sérgio, 1998: 39).

“Carepaket” após o fim da II Guerra Mundial. Kemper também era ligado desde os primeiros anos em Berlim a Edith Jacobson por “uma profunda amizade” (idem, p. 270), que sobreviveu ao nazismo. (Veja em seguida).⁵⁶

Existe uma tomada de posição pública de Kemper durante o nazismo, que nos parece particularmente interessante nesse contexto. Em 1938, por ocasião de um congresso da “Allgemeinen Ärztlichen Gesellschaft für Psychotherapie” (Sociedade Médica de Psicoterapia), ele defendeu a “psicologia de profundidade” - (...) *“o saber que a psicoterapia especializada acredita ter adquirido legalmente, principalmente por meio da análise”* – contra os ataques dos representantes da psiquiatria (Kemper, 1938). Kemper menciona então a existência de “duas justificativas diferentes” para esses ataques. A primeira, baseada na suposição de que o saber da psicologia de profundidade teria sido adquirido por meio de um método, que *“não resistiria a uma crítica exata, no sentido dos métodos adotados até agora pela ciência”*. A segunda, de maior peso, porque *“os criadores e principais representantes dessa psicologia analítica de profundidade eram, em geral, judeus (respectivamente sob a influência judaica), e também as experiências decisivas adquiridas em pacientes judeus, e por isso não corresponderiam à essência do alemão e deveriam ser rejeitadas”*.⁵⁷ Kemper continua: *“de fato, é incontestável a influência de judeus justamente nos primeiros tempos da psicoterapia, mas o segundo motivo infelizmente não é possível de se discutir aqui”*. Assim ele corta esse tema sem mais justificativas, mas diz ainda o seguinte:

“ Que se tenha em mente que grandes alemães como Leibniz, Goethe, Carus e sobretudo Nietzsche, cujas concepções geniais freqüentemente representaram antecipações intuitivas (e aliás antes de qualquer psicologia analítica de profundidade!), que a psicologia de profundidade mais tarde juntou pedrinha por pedrinha, num trabalho minucioso ao longo de anos de esforços.”

Na medida que ele tenta comprovar a sabedoria e a importância da psicologia de profundidade, relevando a sua concordância com as antecipações geniais de “grandes alemães”, ele faz sem dúvida uma concessão à argumentação dos colegas anti-semitas. Mas se ele mesmo fosse de fato um anti-semita, não perderia essa ocasião para formular frases feitas anti-semitas.

⁵⁶ Existem indícios dignos de menção do seu tempo no Brasil, que demonstram o contrário, de que ele poderia ter sido de alguma forma racista. Maria Manhães, uma das raras psicanalistas brasileiras de cor preta e que pertence ao grupo dos seus primeiros candidatos à formação, assegurou-me sorrindo que *“com certeza Kemper nunca foi racista”*. (Entrevista de 22.11.94)

⁵⁷ Uma opinião, como se sabe, defendida então por C. G. Jung.

Quanto à posição de Kemper por ocasião da votação para exclusão dos membros judeus da DPG, não dá para se tirar conclusões claras de como ele realmente votou.

A questão da votação foi discutida de forma controversa inclusive entre os membros judeus. Ponderações táticas foram consideradas. Entretanto a sua maneira de agir depois para com os colegas judeus, como Fenichel relata numa circular, nos parece inadmissível e chocante. Fenichel escreve que o membro da diretoria Kemper cumpria obviamente de maneira conseqüente a intimação do presidente (Boehm) *“de não mais freqüentar colegas judeus”*. Segundo sua informação, Kemper cortou então não somente o contato com Therese Benedek, que pouco tempo depois emigrou, mas também com Kamm, que saiu da DPG em solidariedade aos colegas judeus (circular de 23.04.1936).⁵⁸ Fenichel, que apreciava muito Kemper, ficou então muito decepcionado com este seu comportamento. Principalmente ao ficar sabendo de uma viagem sua e que ele não aproveitara a ocasião para encontrar-se com ele e nem para lhe escrever. Posteriormente Fenichel menciona numa outra circular ter recebido “uma notícia indireta” de Kemper, na qual este lhe pede para *“manter a confiança nele. Que estariam forçados a agir com extremo cuidado”*. Fenichel comenta esta notícia assim: *“mas, como diz um velho ditado, “em matéria de convicção ninguém nos bate”. Mas apesar desta notícia me alegrar, não muda nada no meu julgamento, de que, neste caso, eu penso que o cuidado ultrapassa a medida do necessário”* (circular de 18.05.1936). Depois que a DPG desligou-se da IPA, Fenichel lamenta ainda que *“infelizmente não vai mais haver oportunidade de falar no próximo congresso com o próprio Kemper sobre o seu estranho comportamento”*.

Porém esta oportunidade surgiu em maio de 1937 no “Encontro de Quatro Países” em Budapeste, no qual Kemper participou. Ele relatou então pessoalmente a Fenichel sobre a situação em Berlim. Pretendeu que a suspensão de “todo contato pessoal” seria *“verdadeiramente necessária no interesse da manutenção do Instituto”* (circular de 01.06.1937). Porém Kemper não convenceu Fenichel dessa “necessidade”, sobretudo porque ele ficou sabendo que um outro colega judeu de Berlim *“continuava membro da Sociedade de Medicina e da Sociedade de Neurologia e que somente os psicanalistas o tinham excluído”*. Kemper

⁵⁸ Antes Kemper se encontrava regularmente uma vez por semana num pequeno grupo de trabalho com Kamm, Edith Jacobson e Lotte Liebeck para discutir sobre seu trabalho (Kemper, 1973b: 270)

evidentemente entendeu o ceticismo de Fenichel e “*procurou mostrar que era digno de confiança (...), defendendo numa sessão pública Reich e Edith Jacobsohn*”.⁵⁹

Apesar de Kemper ter por essas atitudes decepcionado Fenichel e tê-lo inclusive irritado por causa dos seus relatórios otimistas sobre a situação em Berlim, ele anota ainda em dezembro de 1938, quando a DPG desligou-se da IPA: “*não é uma pena pela DPG! (...) É uma pena só por causa do Kemper*” (circular de 16.04.1939).

Quanto à posição oficial de anti-semitismo e cumprimento das “Leis Raciais” durante o nazismo no “Instituto Göring”, por suposto, houve membros não tão zelosos disso. Em 1938/39 um candidato à formação judeu continuava ainda em análise didata com Müller-Braunschweig, após uma interrupção devido sua prisão temporária no campo de concentração de Sachsenhausen (Brecht et alii, 1985²: 168). Em 1939/40 e até ainda em 1941, Göring continuava advertindo em circulares para o fato de que havia ainda judeus em tratamento no Instituto (Wunderlich, 1991: 41 pp.). Mas depois disso não deve mais ter sido possível praticamente. A partir de setembro de 1941, os judeus foram obrigados a portar a estrela judaica também dentro da Alemanha.⁶⁰ Em vista desse fato, a questão de tratamento ou mesmo formação de candidatos judeus deixou de ser um tema no Instituto. E mesmo considerando que os seus membros já estavam de todo modo obrigados a trabalhar “*no sentido da visão nazista do mundo*”, o fato que em 1943 foi estabelecido oficialmente um critério racista na admissão dos pacientes, significou uma capitulação adicional do Instituto. As fichas médicas para avaliação, redigidas por Kemper em 1943, passaram a conter a indicação da raça (Cocks, 1985: 181). Isto tornava praticamente a limitação de ajuda psicoterapêutica a “arianos” numa norma psicoterapêutica.

Kemper e Fenichel

Para avaliar a credibilidade das afirmações de Kemper durante o nazismo e poder julgar a sua integridade de uma forma geral, vale a pena talvez questionar-se,

⁵⁹ Edith Jacobsohn mudou a ortografia original do seu nome no exílio.

⁶⁰ Lockett cita uma análise didata junguiana de uma analisanda judia com Schirren, que durou até 1942 (Lockett, 1985: 176).

porque Fenichel ainda lamentou a perda para a IPA do colega Kemper na primavera europeia de 1939. Esta apreciação conta muito, considerando a capacidade humana, científica e política de Fenichel e o momento em que ela é feita, isto é, após os acontecimentos problemáticos sucedidos desde 1933.

Não resta dúvida de que Fenichel apreciava o seu supervisor e colega Kemper.⁶¹ Tendo em vista a inexperiência política de Kemper, nesse sentido é extraordinário que ele tenha ajudado Fenichel no exílio nos seus esforços de organizar uma comunicação clandestina dentro do movimento psicanalítico através de circulares e assim - pelo menos na intenção - manter a união dos psicanalistas progressistas e de esquerda. Fenichel tinha esperança de que as discussões desenvolvidas nas circulares se transformassem a longo prazo numa espécie de “seminário das crianças por escrito da psicanálise marxista” (circular de 12.02.1935). Ele precisava para isso de informantes em vários países, que o mantivessem a par do movimento. Kemper foi um informante seu durante vários anos.⁶²

Tendo em vista os informantes e destinatários de suas circulares, Fenichel distinguia um círculo estreito de amigos psicanalistas de esquerda, entre os quais Georg Gerö, Nic Hoel, Edith Jacobson, Annie e (no início) Wilhelm Reich. Junto a esses, havia no começo um círculo maior, que ele classificava da seguinte maneira:

“a) colegas, que deviam ser informados das coisas importantes, mas que temporariamente, por cautela, não eram informados da forma de colaboração e não assumiam compromisso; b) os verdadeiros simpatizantes; c) aqueles que podiam passar rapidamente a simpatizantes.” Kemper estava entre os “verdadeiros simpatizantes”, ao lado de colegas como Paula Heimann, Edith Buxbaum, Lotte Liebeck, entre outros. (circular de abril de 1934: 83). Daí, obviamente, Fenichel devia considerá-lo uma pessoa íntegra e confiável. Porém os seus relatórios ele os criticava vez por outra como muito otimistas. Inclusive sua convicção de que poderia vir a converter os psicoterapeutas de outras escolas (circular de 23.10.1937). E sobretudo a sua falsa avaliação política: “*não tenho nenhuma confiança nos relatórios otimistas, que o colega Kemper nos manda de Berlim ocasionalmente; não somente porque os judeus perdem as suas possibilidades de trabalho, ou porque paciente e analista não*

⁶¹ Veja à título de ilustração uma fotografia do Congresso da IPV em 1934, em Luzern. Fenichel, em pé atrás, fixando com expressão amigável e sorridente, Kemper, que está sentado (Gidal, 1990: 56).

⁶² A atividade de Kemper como informante combinava com o fato que ele guardava a correspondência de psicanalistas judeus que lideravam o movimento, como Eitingon, Simmel, Bernfeld e outros, em dois classificadores embutidos na parede do porão de sua casa. Assim como protocolos sobre as negociações desenvolvidas por Jones durante o nazismo. Segundo ele próprio, ele entregou essa documentação toda em 1948 ao presidente da DPG, Müller-Braunschweig. (Veja Locket, 1994:121) .

podem ter uma relação de confiança, uma vez que há sempre a possibilidade de denúncia, mas porque o espírito está sendo aniquilado nesses países, porque se premia um falso pensamento e tudo se faz para manter as pessoas ignorantes e não inteligentes” (circular de 25.06.1938).

A crítica de Fenichel era sem dúvida justificada. As suas reflexões sobre as relações sociais soavam tão estranhas para Kemper, quanto as reflexões de Rittmeister. Pelo que parece, Kemper nunca chegou a perceber, o quanto foi alto o preço para a forma de sobrevivência, à qual ele se adaptou.⁶³

Na atitude de Fenichel para com Kemper deve ter contado muito também o procedimento deste na fuga de Edith Jacobson. Ela foi presa em 1935 por causa de seu contato com o grupo socialdemocrático de resistência “Novo Começo”. Em 1938 ela conseguiu fugir para Praga, por ocasião de uma hospitalização. Durante a sua prisão, a questão mais importante para Fenichel era a libertação dela, sua antiga analisanda, sua colega do “Kinderseminar” (“seminário das crianças”) e partidária política. As circulares desse tempo sempre começam com as mais novas informações sobre Edith Jacobson.

Curiosamente Kemper só menciona na sua “Apresentação autobiográfica” apenas que ele visitou Edith Jacobson em duas prisões diferentes (Kemper, 1973b). Isto merece um maior esclarecimento. Nesse tempo Kemper mantinha contato com Fenichel e existem vários indícios de que ele teria tido participação na libertação de Edith Jacobson. O seu próprio filho Jochen pretende que ele teria participado.⁶⁴ E a própria Jacobson teria confirmado isso ao psicanalista brasileiro Flávio Neves (Victor, 1996). Por que então mais tarde Kemper e sua mulher confirmaram que tiveram apenas participação na fuga de Reich e Liebeck, mas não na de Edith Jacobson?

⁶³ Também se reconhece nas reflexões de Kemper sobre o Brasil, a sua falta de compreensão social. Ele viu lá sobretudo “um mundo e uma mentalidade diferente” (Kemper, 1965). Exceto em raras passagens, não se percebe nas suas publicações psicanalíticas desse tempo que elas foram produzidas no Brasil e não na Alemanha. No seu ensaio sobre psicanálise como fator cultural (1951), ele nem menciona os escritos de Freud sobre cultura.

⁶⁴ Veja a entrevista de Nádya Sérió com Jochen Kemper (Sérió, 1998: 249). Esta indicação em si não basta como indício. Jochen Kemper é absolutamente confiável, mas as suas lembranças relacionadas à “saga da família”, já se revelaram em outras circunstâncias não exatas (prisão de Rittmeister no divã durante uma sessão de análise com Kemper!). Jochen também pretende que seu pai publicou só na “Psyche” mais de 160 ensaios! (Sérió, 1998: 295). Segundo minha contagem foram 22. Também o fato de que Kemper e Jacobson foram amigos a vida inteira, em si não basta para provar que não haveria nada de censurável no seu procedimento durante o nazismo. Nas suas lembranças do velho “Instituto Psicanalítico de Berlim”, Jacobson afirma que Müller-Braunschweig merece “*um reconhecimento especial, porque ele conseguiu sem compromisso ou “adaptação” manter intata a teoria psicanalítica*” (Jacobson, 1969). Esta afirmação não confere. (Veja o ensaio “Psychoanalyse und Weltanschauung” (Psicanálise e Visão de Mundo), Müller-Braunschweig, 1933 e o artigo sobre o mesmo de Dahmer e Hans Müller-Braunschweig, em Lohmann, 1984.)

Um esclarecimento plausível se encontra na entrevista de Elisabeth Gero-Heymann, a última sobrevivente do grupo de Praga, que organizou a fuga de Edith Jacobson, concedida a Thomas Müller. Segundo ela, Fenichel a encarregou na época de falar com Kemper. Ele deveria visitar Edith Jacobson na prisão e combinar com ela a fuga, mas Kemper recusou. A sua mulher estava grávida e tinha medo que acontecesse algo com ele. Gero-Heymann se encarregou então ela mesma disso.⁶⁵ Conforme provam esses acontecimentos, Fenichel sabia portanto que podia confiar inteiramente em Kemper e contar conspirativamente com ele na preparação da ação para libertar Jacobson. A razão porque Kemper recusou a tarefa era sem dúvida plausível e Fenichel a aceitou. Quando ele lamentou a perda de Kemper por força do desligamento da DPG da IPA, esses acontecimentos haviam se sucedido alguns meses antes.

A ideologia nazista

Entre as acusações contra Kemper, pesam sobretudo as suspeitas de que ele teria se pronunciado várias vezes “*também implicitamente de maneira concordante com as idéias nazistas*” (Friedrich em Brecht et alii, 1985²: 150). Tendo em vista que algumas das suas citações, fornecidas como prova disso, foram feitas justamente no período da ação de libertação de Edith Jacobson, também poder-se-ia cogitar se talvez não se tratam de concessões táticas, ou seja, da boca pra fora. Sob essa perspectiva consideraremos a seguir os respectivos comentários feitos por Kemper, embora estejamos cientes de que talvez nem seja possível uma resposta inequívoca nesta questão.

Em publicações de autoria de colegas de Kemper do Instituto há freqüentemente elogios dirigidos ao “Führer”, comentários racistas, a ideologia do solo e do sangue e outros elementos da ideologia nazista. (Veja as contribuições em: Göring, 1934).

Em comentários de Kemper não há tais afirmações generalizadas de princípio nazista explícitas. Nas partes em que ele exprime concordância, esta se relaciona a pontos concretos no contexto de uma reflexão científica. Sobretudo uma leitura exata dessas formulações permite reconhecer claramente o contexto respectivo na

⁶⁵ Gero-Heymann vivia nessa época no exílio, mas visitava regularmente seus pais em Berlim. Na frase concernente na entrevista, ela diz: “*I went to Kemper and he said he can't go. His wife was pregnant and she's afraid of something could happen to him*” (Müller, 1998: 79)

sua maneira conseqüente de argumentar com expressões como “sim, mas” – “embora, mesmo assim”. Além disso, as concessões às idéias nazistas estão geralmente inseridas numa argumentação tática. Na “permanente controvérsia” entre a psiquiatria e a psicoterapia, na qual Kemper defendia conscientemente “*uma pretensão exagerada da psicoterapia*” (Kemper, 1938), ele tinha de fazer de vez em quando concessões à psiquiatria adaptada ao regime nazista, de cuja tolerância ele precisava para defender a sua posição psicoterapêutica.⁶⁶

Kemper menciona algumas vezes aprovativamente, por exemplo, as leis eugênicas, mas cada vez antes ou depois de ter apresentado o seu ponto de vista terapêutico, o que não combinava com as mesmas. Assim ele se refere – “com respeito à controvérsia entre a psiquiatria e a psicoterapia” – à questão que mesmo nos casos de “verdadeira psicose”, a possibilidade de “tratamento psicoterapêutico” é maior do que se pensa (Veja Kemper, 1938). Em seguida ele acrescenta:

“Isto não deve ser interpretado como uma propaganda para uma psicoterapia da psicose ou como uma tentativa de tornar as leis eugênicas mais ou menos desnecessárias. Ao contrário: todo psicoterapeuta sabe numa detalhada anamnese das famílias, a alta porcentagem que nelas se encontra de quadros de psicose ou doenças relacionadas à psicose na ascendência de seus pacientes neuróticos. E justamente o psicoterapeuta que tem de combater diariamente a miséria da neurose, só pode aprovar essa legislação. Isto porém não impede que a psicoterapia, enriquecida pelo saber relatado acima, seja mobilizada também para a pesquisa científica da psicose, sem considerar a conseqüência prática, que o emprego de um tão intensificado tratamento terapêutico no caso de um psicótico que tenha sido uma personalidade genial excepcional, com certeza valeria a pena, se existe a expectativa de que, com isso, o seu talento extraordinário possa ser retribuído em proveito da totalidade.”

Ele faz logo em seguida uma concessão aos psiquiatras, relativa à importância terapêutica dos mesmos e lhes oferece a sua cooperação:

“Além disso, me parece que (no caso de uma rigorosa seleção dos pacientes) a terapia de choque à base de insulina e cardiozol, seguida de uma assistência

⁶⁶ Dräger considera um paradoxo o fato de existir um Instituto de Psicoterapia na Alemanha Nazista: “*pois o reconhecimento da neurose como doença e o interesse pela psique individual, pela vida interior das pessoas, opunha-se à ideologia nazista*” (Dräger, 1971: 263).

*psicoterapêutica do paciente, pode vir a ter grandes e importantes atribuições e possibilidades.*⁶⁷

O exemplo seguinte é também típico, no sentido de que ele faz valer um ponto de vista seu de importância, imediatamente após uma concessão a um elemento da ideologia nazista. Em 1942, ele se refere a uma “atitude básica para com a cultura da sexualidade” nos seguintes termos: Esta *“embora também marcada racialmente, só se desenvolveu gradativamente ao longo do século, mas de maneira decisiva e muito mais do que somos conscientes, através de fatores históricos, sociológicos e outros fatores culturais (cristianismo) das idéias.”*⁶⁸

Várias vezes Kemper admite que o ponto de vista “biológico de povo” é sem dúvida muito importante. Mas ele relativiza cada vez a sua concessão na seqüência. Em 1943 ele admite que se conseguiu com o “ponto de vista biológico” e “em razão do sacrifício de vidas na guerra”, desde “a ascensão ao poder da outra visão de mundo”,⁶⁹ “despertar de novo a vontade perdida de procriar ” (Kemper, 1943). No final do artigo, ele “se permite” “francamente” de apontar para “um perigo”, ao qual ele se refere também em outras publicações (Kemper, 1942/1975: 101):

“O novo tempo ensinou que o indivíduo deve ser visto como membro de uma linhagem e mostrou dessa forma a responsabilidade perante nossos ascendentes e descendentes. Com isso também foi abolida a avaliação existente até agora da vida sexual da perspectiva do indivíduo, vista ainda apenas no contexto dessa função biológica de povo. Nisso vale evitar exageros e, junto a essa função seguramente muito importante, reconhecer a sua importância para a manutenção da saúde física e psíquica do indivíduo.” (Kemper, 1943: 429).

Como já foi dito, Kemper pronunciou-se também no sentido de que “os grandes métodos terapêuticos” deveriam ser reservados apenas aos doentes, nos casos que “a utilização dos mesmos valesse a pena para a totalidade do povo” (Kemper, 1938). Não seria o caso das “poucas exceções de variações negativas de tipo constitucional

⁶⁷ A realização de uma tal cooperação teria significado a aceitação de uma combinação de torturas psiquiátricas com assistência psicoterapêutica. Na época, notáveis representantes da psiquiatria alemã depositavam grandes esperanças na nova terapia de choque de insulina e cardiozol desenvolvida na década de trinta para tratamento de psicoses endógenas (Thom; Caregorodcev, 1989: 137 f.). Kemper não foi o único psicanalista a se interessar por isso (Müller, 2000: 157f.). (Sobre o sofrimento que essa terapia causava nos pacientes, como medo de ser aniquilado ou fraturas ósseas em consequência de fortes contrações musculares, veja Riedesser, Verderber, 1996: 149 pp.)

⁶⁸ Kemper, 1942/1975: 1.

⁶⁹ Uma estranha formulação que não seria adequada à um adepto da ideologia nazista.

degenerativo no verdadeiro sentido genético” (Kemper, 1944. Ele não tinha porém critérios racistas nem eutanasia na mente, como dão a impressão as suas formulações no estilo nazista, se se considera o contexto das relações políticas na época em que ele as fez. Ele achava mais que, não era conveniente investir grandes esforços terapêuticos “nos casos raros” relacionados à doenças genéticas.

Sobre essa questão em que caso psicoterapia vale a pena e em que caso não, ainda um exemplo:

“Decidir se é justificável em cada caso fazer grandes esforços de tratamento, naturalmente não depende mais do sintoma especial da perturbação sexual, mas do tipo e gravidade da mudança da personalidade restante. O psicoterapeuta vai ter de se limitar na sua escolha às pessoas, cujas personalidades merecem um tal esforço. Justamente nisso surgem graves decisões humanas para o médico consciente de sua responsabilidade. Se para o biólogo especialista em genética é fácil de decidir na maioria dos casos de doenças genéticas, para nós, os limites são flutuantes.” (Kemper, 1942/1975: 82)

Ele fala em seguida da “dificuldade” de distinguir nos doentes entre os casos de “*valiosa originalidade*” e “*formas degeneradas*” e menciona o “tipo de moça frágil” descrito por um colega (Speer, 1935), que por causa de sua constituição física, deveria ser desaconselhado ao casamento e maternidade.

Também estas frases soam “*conforme as idéias nazistas*” (Friedrich). Mas se não se atenta somente ao estilo, mas também ao conteúdo, elas adquirem também uma outra significação⁷⁰ Neste sentido deve-se considerar que para os nazistas se tratava de uma outra “escolha” do que para Kemper. Os nazistas não tinham

⁷⁰ Friedrich se atém somente ao estilo. Além do mais, ele confunde duas publicações de Kemper. Ele indica que o livro da respectiva citação foi publicado sob um outro nome : “Die funktionellen Sexualstörungen” (Os Distúrbios Funcionais Sexuais) em 1950 “*substancialmente elaborado e limpado dos comentários nazistas sobre a política populacional, social e de saúde*” . Na verdade, o livro foi publicado novamente em “impressão reprográfica” sem modificação e com o mesmo título em 1967 (Kemper, 1942/1975). Depois, em 1975 com um novo prefácio e aumentado de uma bibliografia, com títulos que haviam sido proibidos no nazismo. No resto, numa edição igualmente inalterada. Como esse fato deve ser interpretado em relação às frases citadas como indício da afinidade ideológica de Kemper com o regime nazista, deixo em aberto. Quanto à nova edição indicada por Friedrich, trata-se de uma outra publicação de Kemper (Kemper, 1950/1974). Originalmente faz parte de uma coletânea, que deveria ser publicada em 1943, mas que foi considerada “não suficientemente importante para a guerra” para ser publicada. Em 1949 foi publicada elaborada e aumentada em forma de livro. Em 1974 foi publicada uma segunda edição aumentada. Da mesma maneira como em suas velhas publicações sobre o tema, Kemper acentua nesta edição também “que a maioria dos doentes, que sofre de distúrbios tratados neste estudo, não pertence à categoria de degenerados constitucionais ou endógenos”. Isto seria um “preconceito funesto” “da “classe médica de hoje” (Kemper, 1950/1974:144).

dificuldade quanto a isso e quem era “escolhido” não recebia aconselhamento, mas era esterilizado ou morto.⁷¹

De fato, Kemper se pronunciou aprovativamente em relação às teses nazistas sobre as leis eugênicas e à política populacional. Ele era de fato convencido que as leis eugênicas poderiam impedir doenças hereditárias e por isso eram bem-vindas. Cada vez que ele elogiou as leis, ele fez essa justificativa. Naturalmente em princípio não há nada contra o objetivo de impedir doenças hereditárias por meio de medidas e leis adequadas. O problema, no caso, é que Kemper elogiou uma lei que fazia parte de uma legislação estabelecida para servir a criação de uma “raça superior”, que determinava a proibição de casamentos, o internamento forçado em hospitais, abortos e esterilizações e que abria caminho para o assassinato de “vidas sem valor” do “programa de eutanásia”, que teve início em grande dimensão em 1940. Por isso, é, em princípio, problemático que Kemper tenha elogiado essa lei. A questão é se - tendo em vista as circunstâncias políticas da época - se pode considerar o seu elogio a um aspecto como uma aprovação à legislação inteira. Ou se se pode considerar a sua argumentação à base de “sim, mas” , como um indício de que ele teria feito concessões à determinados pontos para poder argumentar em seguida contra outros.

O mesmo vale para o outro ponto em que Kemper defende a sua posição com argumentos conforme o teor nazista, mas que, em si, não são, como o incentivo à “vontade de procriar”, respectivamente ao crescimento da taxa de natalidade.

Ambos os pontos acima comprovam o envolvimento ideológico de Kemper naquelas circunstâncias. Se comprovam mesmo a sua afinidade com a ideologia nazista, parece mais duvidoso, se levamos em conta o seu procedimento em geral.⁷²

⁷¹ No sentido que Kemper fala de escolha, hoje em dia também é prática. A sua opinião de que “*os grandes métodos psicoterapêuticos devem ser reservados somente aos doentes que se considere que o esforço valha a pena para a totalidade*”, só precisa ser despida do teor nazista e então – não considerando a discriminação dos judeus na época – temos a ver com a realidade atual. Quem precisa de uma “grande” análise ou de uma psicoterapia de longa duração, pode contar somente com uma assistência limitada do seguro de saúde. Pacientes com formas “cronificadas” de doenças são recusados. Não com a referência à “totalidade”, mas ao “orçamento”.

⁷² É de supor também que sua atitude referente a esses pronunciamentos seja como a sua atitude para com os membros judeus da DPG, pela qual ele se justificou perante Fenichel em maio de 1937 em Budapeste. A demasiada prudência de Kemper, que Fenichel menciona, pode ter causado também uma atitude de aprovação “da boca pra fora”. Talvez Kemper fosse simplesmente um tipo muito medroso, como perceberam mais tarde alguns colegas, em vista do seu medo de uma ocupação de Berlim pelos russos e principalmente de uma III Guerra Mundial. Depois do seu retorno do Brasil , ele mandou colocar grades e fechaduras de segurança na sua casa na Alemanha com medo de ladrão (Informação pessoal de Prof. Dr. Eduard Jorswieck). Uma providência,

Psiquiatra Consultor Militar

Entre os fatos apontados como prova de um envolvimento pessoal culpável de Kemper nas barbaridades dos nazistas, conta também o de que ele era “psiquiatra consultor do exército combatente” e que teria colaborado em maio de 1942 na elaboração das diretrizes para as formas de tratamento de neuróticos de guerra. Não é no entanto seguro se a assinatura escrita à máquina abaixo das diretrizes de “Dr. Kemper, médico-chefe do Estado Maior” (Brecht et alii, 1985²: 153) pode ser atribuída a Werner Walter Kemper. Segundo suas próprias indicações, ele foi convocado no início da II Guerra Mundial por cerca de um mês para o serviço de proteção contra bombardeios em Berlim. No fim de 1940, de novo, “*desta vez por um ano para a proteção da Usina Leuna, perto de Halle*”. Nesse tempo, ele utilizou as suas horas de folga para escrever o seu livro “Die Störungen der Liebesfähigkeit beim Weibe” (Os distúrbios da capacidade de amar na mulher). Este livro foi publicado no início de 1942. Três meses depois foi editada uma nova edição, que traz um prefácio de Kemper datado do “início do verão (europeu) de 1942”. O próprio Kemper teria apanhado os seus exemplares de autor dessa nova edição em Leipzig. Finalmente, depois de “*mais de um ano doente ele foi liberado por motivo de saúde*”. Após a sua recuperação, ele voltou a trabalhar como docente no “Instituto Göring” e na Policlínica, como interino.⁷³ Só então ele foi convocado pela primeira vez para o Exército como sargento para o serviço de enfermagem, correspondentemente à patente militar que ele havia atingido na I Guerra Mundial e à sua formação adquirida depois de médico (Kemper, 1973b). Ainda nesse mesmo ano, ele foi liberado do serviço militar e tornou-se então funcionário fixo do “Instituto Göring”.

Estas indicações do próprio Kemper coincidem com os dados de sua ficha no “Instituto Göring”. Nela ele é designado igualmente com a patente militar de sargento da reserva.⁷⁴ Em vista disso, não é compreensível como Kemper em maio de 1942 possa ter sido psiquiatra consultor do Exército. Mesmo que ele tivesse sido

ao contrário de hoje no Rio de Janeiro, nada comum na época. Em todo caso, não é plausível que ele procedeu assim em Berlim, porque já estivesse acostumado do Rio de Janeiro.

⁷³ Depois de novembro de 1940, ele é mencionado de novo em 01.07.1942 pela primeira vez nas atividades do Grupo de Trabalho A (Baumeyer, 1971).

⁷⁴ (Arquivo Federal da Alemanha de Koblenz). A ficha deve ter sido preenchida o mais cedo em 1940, devido a indicação contida de dois filhos.

promovido rapidamente a oficial, não é muito provável que ele tenha sido ao mesmo tempo também promovido a médico-chefe do Estado Maior.⁷⁵

A hipótese que a assinatura seria mesmo de Werner Kemper e que sua patente estaria errada no documento por engano, também é improvável. Numa lista de psiquiatras consultores do Exército que data de abril de 1942 já se encontra um médico-chefe Dr. Kemper (Riedesser; Verderber, 1996: 110). Nessa época Werner Kemper nem tinha sido ainda convocado para o Exército.⁷⁶

Apesar disso, não se deve deixar de considerar neste contexto as diretrizes . Os psicoterapeutas do Instituto tiveram participação nas discussões sobre o tratamento a ser dado aos neuróticos de guerra e mesmo considerando que Kemper só mais tarde foi admitido como funcionário fixo no mesmo, pode ser que ele tenha tido – embora não diretamente e não em posição superior - algo a ver com essas discussões.⁷⁷

O objetivo das diretrizes era de evitar “*reações psíquicas anormais*”, como as que se verificaram na I Guerra Mundial e que por causa do seu “*efeito psíquico contaminador, teriam afetado consideravelmente a força de combate das tropas*”.⁷⁸ Os autores das diretrizes citam, entre outras, “*estados de medo e perturbação, distúrbios de origem psíquica como paralisia, perda da fala, perda da audição, cegueira, tremor, contrações musculares, incapacidade de locomoção, hábito de fixação em deficiências físicas após ferimentos e doenças*”. Eles defendiam a opinião, que soldados

⁷⁵ Além disso Kemper nem era médico psiquiatra e nem preenchia os demais critérios exigidos para a função de psiquiatra consultor do Exército. (Sobre isso, Berger, 1998). Segundo Roth (1987), que pesquisou os documentos relativos à história da elaboração das diretrizes “não está ainda fora de dúvida” que o Dr. Kemper assinante responsável das diretrizes seja Werner Kemper. Ele não encontrou nenhuma menção ao mesmo nos protocolos. O Kemper da assinatura, que ele supõe ter sido Werner Kemper, segundo as suas indicações, teria exercido a função de médico-chefe do Estado Maior durante um ano. Isto não combina porém com os fatos que Kemper relata na sua biografia. Roth, porém, está convencido que a “linha mole” nas diretrizes se deve à influência dos psicoterapeutas do Instituto Göring.

⁷⁶ Esse Dr. Kemper se encontra também numa lista de três psiquiatras consultores do Exército, datada de 07.05.1942 (BA-MA H20/ 483a), que me foi cedida por gentileza pelo Sr. Alexander Neumann do Arquivo Federal Militar da Alemanha de Freiburg. Minha tentativa no sentido de esclarecer a identidade do Dr. Kemper em questão, fracassou, apesar da colaboração de várias instituições. Seguro é somente que existiram vários Dr. Kemper no Exército Alemão. Dentre eles pelo menos um médico-chefe, Dr. Friedrich Kemper. (Arquivo Federal da Alemanha de Aachen). Infelizmente não estão indicados os respectivos prenomes dos ditos Dr. Kemper, nem nas citadas listas e nem no documento das diretrizes, assim que uma identificação não é possível.

⁷⁷ Friedrich afirma, mas sem dar provas, que Kemper teria participado como “representante do diretor”, ou seja, de Mathias Göring (Friedrich, 1987). Isto seria estranho, porque nessa época Kemper não era ainda funcionário fixo do Instituto e tinha compromissos em outros lugares. Havia outros funcionários no Instituto mais adequados para as discussões com os militares, os psiquiatras que lidavam com a problemática.

⁷⁸ Após o começo da campanha na Rússia no início do verão de 1941, multiplicaram-se as “reações históricas”. (Berger, 1998:114).

completamente sadios e altamente capazes também podiam ser afetados em determinadas circunstâncias por reações anormais, o que tornava impossível *“uma desvalorização moral e a difamação dos doentes de reações anormais”*. Isto teria de se evitar *“no interesse do comando moral da totalidade da tropa”*.⁷⁹ Eles acentuam que *“a fixação em reações psíquicas anormais”*, mesmo quando serve a desejos como os de retorno à pátria ou a transferência para uma outra tropa, ou seja, mesmo quando serve a um objetivo determinado, pode não conter simulação, *“porque freqüentemente essas tendências não são vividas claramente”*.

Para eles, quando os doentes não podiam ser curados num espaço de algumas semanas, haviam em geral duas razões *“entre as quais se tinha de decidir”*. Eles aconselham medidas rigorosas para os casos em que o comportamento *“anormal”* fosse *“expressão de uma tendência anormal da personalidade”*. De um lado, que *“a remoção à pátria deveria ser evitada absolutamente, exceto em casos extraordinários, a serem julgados somente por parecer de um psiquiatra experiente”*. Mas também no caso contrário, ou seja, do deslocamento da pátria para a frente de combate, eles aconselham igualmente a necessidade da colaboração de um psiquiatra, *“por causa dos efeitos psíquicos contaminadores na frente de combate”*. Eles acentuam ainda que o tratamento de neuróticos de guerra, *“de acordo com as diretrizes gerais da moderna psiquiatria”*, devia caber à responsabilidade exclusiva de psiquiatras especializados. De acordo com as diretrizes, o tratamento básico dos doentes e o tratamento de *“reabilitação”* por meio de rigorosas atividades terapêuticas, assim como em unidades especiais de reconvalescença (no caso de haver uma grande quantidade de doentes desse tipo num Exército) – conseguiria em regra a volta à ativa do soldado. Nos casos de permanentes recaídas ou anomalias muito graves deveriam ser tomadas medidas extraordinárias. Sugere-se de *“serem criados setores em lugares apropriados, para que tanto as tropas como a pátria fossem preservadas do efeito desintegrador dessas pessoas”*.

Em geral, quem se interessa por psiquiatria militar, sabe que estas diretrizes não são especialmente rigorosas, mas até, surpreendentemente, moderadas. Tradicionalmente e até hoje, os psiquiatras militares não se sentem obrigados em

⁷⁹ No trecho reproduzido em Brecht, faltam algumas passagens, em que a relativamente branda avaliação dos neuróticos de guerra é ainda mais clara. (O documento e as discussões dos autores a ele relacionadas me foram igualmente acessíveis pela gentil colaboração do Sr. A. Neumann do Arquivo Federal da Alemanha de Freiburg.)

servir em primeira linha ao doente, como deveriam segundo a ética médica. Principalmente nos períodos de guerra, o tratamento de neuróticos de guerra é, em regra, extremamente brutal.⁸⁰ O que é aconselhado nas citadas diretrizes são medidas usuais em países em estado de guerra, que possuem serviço militar obrigatório e não somente em ditaduras. Elas não são por isso, de modo algum, desculpáveis. O que as torna tão terríveis, é o fato de que os neuróticos de guerra, que não eram “curados” logo e eram tidos como “incuráveis”, ou seja, classificados de “gravemente anormais”, ficavam conseqüentemente expostos a um terrível tratamento. (Veja indicações exatas em Klausch, 1995). Naturalmente os assinantes das diretrizes sabiam qual o destino de que estariam ameaçados os doentes que fossem classificados de “recaídas permanentes” ou “gravemente anormais”. Por isso, os seus conselhos são indesculpáveis. Nota-se, no entanto, que as diretrizes em si são contraditórias. O texto fala de decisão, quando se trata em princípio do diagnóstico médico. Daí vale questionar essas posições contraditórias, como podem ser esclarecidas e consideradas. A maneira compreensível como é justificado nas diretrizes que, sob o ponto de vista neuropsicológico, reações anormais podem também ocorrer em pessoas completamente sadias normalmente e que, por isto, os doentes não deveriam ser difamados em geral, - não combina com as rigorosas medidas aconselhadas. Como acha Roth, de fato “*essa resolução parece consideravelmente reservada no seu teor*”. (Roth, 1987: 55). Isto ainda precisa ser esclarecido, uma vez que um julgamento indulgente de neuróticos de guerra não corresponde às tradições da psiquiatria militar.⁸¹

Como mostra principalmente K. H. Roth, havia durante a guerra uma luta permanente de poder entre os psicoterapeutas médicos e psicólogos ligados ao “Instituto Göring” e os neuropsiquiatras (Roth, 1987). Estes últimos eram profissionais fanáticos, que defendiam como apropriados os métodos brutais de tratamento da I Guerra Mundial, inclusive tortura, usados tradicionalmente na psiquiatria militar. Em contraposição, os psicoterapeutas e psiquiatras ligados ao “Instituto Göring” aconselhavam a adoção de métodos brandos de tratamento para com os doentes. Esta foi também uma razão, porque eles se dedicaram à Força

⁸⁰ Isto não é nenhum segredo. Existem numerosos exemplos que podem ser citados. No filme americano “The Line”, de J. R. Siegel, 1980, baseado em acontecimentos reais ocorridos em 1968/69, é descrito, por exemplo, o tratamento de um soldado psicicamente doente que desertou da Guerra do Vietnã, que culminou com a sua morte. No que concerne a continuidade da visão da psiquiatria militar, veja Riedesser; Verderber (1985 e 1996) e Roth, 1987.

⁸¹ Também não da psiquiatria militar de orientação psicanalítica. (Veja abaixo.)

Aérea, uma força militar nova e altamente técnica. Os adeptos da psiquiatria tradicional ainda não se haviam estabelecido nela e assim não poderiam ganhar muita influência. Os seus chefes do alto comando tinham compreendido que era um absurdo “querer curar e recuperar para a atividade de vôo de combate por meio de torturas elétricas os membros da tripulação de aviões altamente complicados de caça e bombardeio atingidos em combate” (Roth, 1987: 48).⁸² Esta opinião foi mantida mesmo depois da guerra ser declarada “guerra total”. (Veja a seguir).

As diretrizes contém portanto um compromisso entre as posições contrárias acima citadas. Surpreendentemente, parece que os psicoterapeutas conseguiram fazer valer a sua visão das coisas e em parte a sua terminologia.⁸³ Uma atitude que lhes deve ser creditada positivamente, se não se pretender que eles também poderiam ter-se esquivado inteiramente de uma tomada de posição desse tipo.⁸⁴

Deve-se o fato que as diretrizes foram formuladas tão contraditórias e reservadas, principalmente porque nessa época “a chancelaria do Führer” recomendava de preferência um tipo de intervenção “branda”. (Roth, 1987: 151). Mais tarde foram formuladas ainda no mesmo ano novas diretrizes, que previam inclusive a remoção para campos de concentração dos soldados que “fracassassem” em unidades especiais ou batalhões especiais de campanha.

Os “psiquiatras consultores” tiveram um papel substancial na intensificação das medidas repressivas durante os anos da guerra. Mas os psicoterapeutas do Instituto se ativeram ao seu conjunto de medidas terapêuticas gradativas. Uma “instrução” aos médicos da Força Aérea, redigida por J. H. Schultz no outono (europeu) de 1944, documenta quão grande era a contradição entre as diretrizes dos “psiquiatras consultores”, aumentadas pela última vez em maio de 1944 e a opinião dos psicoterapeutas do Instituto. Ela denota a posição dos psicoterapeutas do Instituto mais uma vez. Schultz insiste no uso do termo “neurose de guerra”, já proibido desde junho desse ano, com o argumento que a neurose seria basicamente

⁸² Esta razão é posta em dúvida por Berger com a indicação de que no Exército também havia setores altamente técnicos de armas (Berger, 1998).

⁸³ Friedrich (1987) e outros autores observam que o termo “neurótico de guerra” é cuidadosamente evitado nas diretrizes. Todavia fala-se em “neurose de guerra”, “tremor de guerra”, etc., embora já na época se devesse evitar essas expressões, mais tarde proibidas. (Berger, 1998: 112)

⁸⁴ E se se reconhecer, que não era imaginável na época uma recomendação que permitisse simplesmente enviar pra casa o doente que não se curasse logo e deixar o seu tratamento normalmente ao critério de um médico ou psicoterapeuta. Pode-se dizer que nenhum psicoterapeuta assinou as diretrizes, caso sejam certas as suspeitas aqui de que não se pode tratar da assinatura de Kemper. À exceção de dois, Berger (1998) indica curtas biografias dos psiquiatras assinantes.

curável, mas não por meio de “*uma força de vontade intensificada conscientemente*”, uma vez que a neurose “*sempre contém momentos involuntários*”. Ele justifica ainda que as neuroses não seriam hereditárias, “*apenas a disposição interna para tais distúrbios, o que não deve significar de modo algum uma inferioridade. Ao contrário, as pessoas muito conscienciosas, muito sensíveis, de um sentimento profundo de honra e de índole bastante acessível, estariam mais sujeitas ao perigo de serem “magoadas”, do que as de natureza apática, indiferentes, extremamente robustas*”. E conclui que “*o doente neurótico constitui de um certo modo parte de uma elite.*”⁸⁵

Havia muitas diferenças no procedimento de fato dos psicoterapeutas do Instituto para com os seus pacientes por vários motivos. Principalmente quanto às atitudes individuais para com o regime nazista.⁸⁶ Entre os últimos dois e três anos da II Guerra Mundial foram enviados cada vez mais membros das Forças Armadas ao Instituto para serem examinados. Se levarmos em conta a opinião e o teor da instrução de Schultz, embora considerando que “*todos os colaboradores do Instituto tenham sido expressamente advertidos de comunicar a Göring suas eventuais opiniões negativas sobre pacientes, para que ele tomasse as medidas necessárias*” (Hermanns, 1989: 29), parece plausível que na retrospectiva alguns membros tenham pretendido que davam mais importância à ajuda individual ao paciente do que “*à exigência das Forças Armadas de se restabelecer a sua capacidade de combate*” (Dräger, 1971: 266)⁸⁷ O próprio Kemper justificou mais tarde várias vezes o seu trabalho no Instituto com esse pretexto da eventual ajuda ao doente. Ele e outros teriam “podido fazer o bem algumas vezes e evitar algumas vezes o pior” na Policlínica, que ele classifica de “pequena ilha” (Kemper, 1967). Segundo as suas próprias indicações, entre 100 e 200 pacientes puderam ser salvos da perseguição militar ou policial por um processo de vai-e-vem de transferência com a colaboração de oficiais sanitaristas,

⁸⁵ (Citado em Roth, 1987: 70). Infelizmente não se pode pretender que essa “linha branda” corresponda à uma tradição psicanalítica. Roth, que estudou o procedimento de psicanalistas na I Guerra Mundial (Abraham, Ferenczi e Simmel) classifica a acima citada “instrução” de uma “*meia declaração de amor aos neuróticos*”, comparada à posição dos mesmos. (idem, p. 70). Sobre o papel dos psicanalistas na I Guerra Mundial, veja também Cremerius, 1989 e ainda Tausk, 1916. A posição de Schultz, que não era psicanalista, tem mais a ver com a sua visão de psicoterapeuta do que com um humanitarismo de princípio. Ele se manifestou favoravelmente pelo “homicídio de vidas sem valor”, o que alguns psiquiatras não achavam bom, porque recebavam perder nessa base a sua clientela (Lockot, 1985: 221).

⁸⁶ Em 1941, o psicanalista suíço Bally, após uma visita ao “Instituto Göring” em Berlim, relatou a Fenichel que “ele pôde ver como por trás da fachada de sua adaptação, ali era mantida a liberdade individual, ligada à uma absoluta visão freudiana.” Porém ele observou também exemplos contrários (RB 23.01.1941).

⁸⁷ Féral pretende, numa coincidência a uma alusão de Kemper, que é comprovado que se teria fornecido diagnóstico falso no Instituto (neurose) a pacientes ameaçados pelo programa de eutanásia. Todavia ele não documenta essa afirmação. (Féral, 1987).

que haviam feito parcialmente a sua formação no Instituto e trabalhavam na direção de hospitais militares em Berlim e arredores. (Cocks, 1997: 322). Num caso, Kemper se deixou inclusive certificar por escrito a ajuda que prestou a um paciente, pelo próprio vinte anos mais tarde.⁸⁸ Segundo uma carta do dito paciente, Kemper teria salvo não somente a sua vida, mas também de outras pessoas, inclusive um major e um general, citados nominalmente. Nesse caso teriam tido participação também outros colegas (Prof. Schultz e Dr. Kühnel).⁸⁹

Sigilo sobre o passado

Não é possível se julgar aqui se é válida a alegação de que Kemper nunca teria falado no Brasil do seu passado na Alemanha Nazista. Isto é sempre apresentado como uma acusação grave. Supõe-se que Kemper nunca contou nada, porque tinha algo a esconder. A acusação não parece muito convincente, porque ao mesmo tempo se pretende que Kemper deveria ter contado algo aos seus analisandos.⁹⁰ A quem e quando ele poderia ou deveria ter contado o quê? Análises didatas ou tratamento psicanalítico não são indubitavelmente ocasiões propícias para uma apresentação autobiográfica do analista. Mas mesmo admitindo que Kemper depois de um certo tempo poderia ter falado sobre o seu passado com seus colegas e ex-analisandos e não o fez, não se pode deduzir forçosamente disso, que ele não o fez, porque tinha algo a esconder. Não é razoável atribuir-lhe tanta falta de habilidade.⁹¹ Em suas publicações em alemão, ele se referiu várias vezes ao tempo

⁸⁸ Citado também em (Cocks, 1975: 315). Uma reprodução fotográfica da dita carta me foi cedida gentilmente pelo Dr. Alfred Köhler, Berlim.

⁸⁹ Kemper pretende que Göring soube do seu procedimento, mas não entrevistou (Kemper, 1973b: 291). Todavia em outra passagem ele diz que os verdadeiros inimigos dentro do Instituto não eram os representantes de outras escolas terapêuticas, mas aqueles que visavam uma “psicoterapia alemã”. Sem dúvida, Göring estava entre estes.

⁹⁰ Nas entrevistas feitas com três das suas primeiras analisandas, apesar de não ter indagado diretamente sobre os seus comentários relativos ao seu tempo na Alemanha Nazista, duas contaram que Kemper teria feito menção ao horror da miséria dos anos do Pós-Guerra, sobretudo aos anos de fome. Isto parece compreensível, pois Kemper deve ter vivido a mudança de Berlim, sob o bloqueio da Guerra Fria, para o Rio de Janeiro, provavelmente como uma mudança para o paraíso. Uma ex-analisanda não tinha certeza, se ele não tinha estado antes até na prisão. Esta impressão combina com o fato que o próprio Kemper se considerava em alguns aspectos uma vítima do nazismo.

⁹¹ Em R. P as alegações de que Kemper “teria cuidadosamente feito segredo de seu passado” e que “também sua mulher teria silenciado sobre as atividades anteriores do marido” para com os seus filhos, valem como prova de que Kemper escondia algo de grave. Também Vianna tira conclusão do não-falado. É uma forma de pensamento justificável em termos psicanalíticos, quando o não-falado se refere a algo que na relação de transferência existe de forma real nas fantasias e associações, embora inconsciente e não manifesto. Todavia perde toda justificativa, quando não há pontos de referência e não se conhece nenhuma ocorrência básica. Neste caso a argumentação tende a se tornar circular: “Kemper nunca contou qual foi o seu papel no caso Rittmeister. Logo, ele deve ter tido algo a esconder. Como ele tinha algo para esconder, ele calou.” Kemper poderia, certamente, ter contado algumas coisas quanto ao seu envolvimento de uma forma geral com o regime nazista. Então ele

do nazismo. (Kemper, 1965; Kemper, 1942/1975; Kemper, 1967; Kemper, 1973; Kemper, 1973). Estas publicações comprovam que ele se dedicou algumas vezes à essa parte de sua biografia. Ele toca no assunto inclusive quando não há forçosamente razão para isso (Kemper, 1965). Ele caracteriza a época do nazismo sem retoques como uma época de crimes “*desumanos inimagináveis*”, “*praticados com sóbria e calculada perfeição técnica*”. Refere-se inclusive aos campos de concentração, às torturas brutais, à eliminação sistemática de grupos étnicos e doentes mentais, etc. (Kemper, 1973b).⁹²

Sobretudo Kemper não contestou ter-se adaptado ao regime nazista. Inclusive ele se justificou nesse sentido referindo-se ao caráter totalitário do regime: “*Uma tal adaptação não é certamente uma atitude heróica. Todavia incentivar e exhibir heroísmo numa democracia e em tempos de direitos humanos garantidos não é difícil*” (citado em Köhler, 1988: 19).

Como comprovam as citações acima, pode-se pretender no máximo que Kemper se manifestou de uma forma limitada, mas não que ele não se tenha manifestado “*sobre o seu envolvimento naquelas circunstâncias*”. Ele próprio se via como uma “vítima” do nazismo e um membro da “*comunidade dos salvadores da psicanálise*” (Lockot, 1985). Certamente ele também se sentia vítima, embora a sua adaptação lhe tenha sido proveitosa, pelo menos quanto às suas condições de vida.⁹³ Ele atribuiu menos importância ao aspecto da “salvação” da psicanálise, do que ao proveito da cooperação forçada entre as diversas escolas terapêuticas, muitas vezes relevado nos seus escritos. Segundo ele, essa cooperação teria possibilitado que “*se unissem as posições principais de acordo com o seu peso equivalente num nível mais completo e mais alto. Não para criar uma ciência da psicoterapia*

teria tido também de falar sobre as coisas que lhe poderiam ser creditadas positivamente. O problema é que em geral sabia-se muito pouco das testemunhas desse tempo, tanto culpados como vítimas. Neste sentido, note-se uma observação de Mattos referente ao Brasil. Ele afirma que também no caso de Adelheid Koch, que em 1936 fugiu de Berlim para São Paulo e lá fundou a primeira sociedade psicanalítica, nunca se falou publicamente das circunstâncias relacionadas a esse acontecimento. Nem se menciona em certas apresentações da história da psicanálise o fato dela ser judia (Mattos, 1996: 101).

⁹² Note-se que alguns de seus colegas do “Göring Institut” foram muito mais “reservados” nesse sentido. Comparar W. Bitter e F. Riemann em Pongratz, 1973; assim como Schultz (1964). Este último acentua sem nenhum sentimento de culpa – ao que parece – “como é necessário uma certa “falta de caráter”, quando se quer preservar a existência num Estado totalitário” (Schultz, 1964: 133).

⁹³ Em fevereiro de 1946 ele escreveu junto com Schultz-Hencke uma carta à Secretaria de Saúde de Berlim, na qual os dois dizem que não pretendem ser “mártires políticos”, apesar de que “ambos teriam material para isso”. As descrições que a carta contém sobre a perseguição sistemática da psicanálise pelos nazistas como “um produto típico marxista judeu”, conduz porém à questão, por que então Kemper teria demorado tanto a perceber os nazistas (kl. Erw. Bd.6). Quanto às pressões psíquicas nessa época, veja abaixo.

alemã, baseada na psicologia das raças, como o regime nazista nos queria forçar. Mas para criar uma obra que fosse, tanto como estrutura científica, quanto como método terapêutico, não só mais completa e mais efetiva do que as anteriores, mas que também pudesse entrar finalmente na discussão, que há muito já deveria ter sido iniciada, da reconhecida ciência dentro e fora do país” (Kemper, 1947: 68). Nesta avaliação, espantosa para um “freudiano ortodoxo”, Kemper se refere provavelmente às tendências que possibilitaram aos psicoterapeutas de se afirmarem como um grupo profissional e que foram interpretadas como um processo de profissionalização dos mesmos. (Cocks, 1985).

É óbvio que Kemper na retrospectiva diminuiu o seu envolvimento no regime nazista e que ele não estava a fim de reconhecer completamente a problemática de sua colaboração no “Instituto Göring” na época, assim como a própria adaptação da psicanálise ao regime. Ele lamentou *“ter sido ingênuo no começo”* e a cegueira com que avaliou durante muito tempo os nazistas. Porém ele nunca mencionou concretamente o seu comportamento problemático de adaptação pessoal na época, como a ruptura da relação com os colegas judeus, a capitulação moral diante da ideologia racial dos nazistas, adotando critérios racistas nas fichas de diagnóstico médico, etc. Ele se referiu apenas em termos gerais às *“crescentes pressões físicas e sobretudo psíquicas, vividas durante os anos de ditadura”*.(Kemper, 1942/1975). Nas suas lembranças, ele avalia conscientemente de uma maneira não crítica os seus colegas do “Instituto Göring”. Caracteriza-os como *“uma série de personalidades marcantes”*, *“mesmo que se tenha algo contra para criticá-los sob o ponto de vista humano ou científico”* (Kemper, 1973b). Muitas vezes ele defendeu o amigo Schultz-Hencke contra a acusação de oportunista. Também na maneira como ele julgava o chefe do Instituto, Mathias Göring, ele não considerava o papel objetivo deste no regime criminoso. Kemper julgou com bastante indulgência a profissão de fé ao nazismo e o engajamento dele *“na missão do regime”*, achando que Göring tentava cumprir a sua missão de uma maneira *“compatível com as suas idéias nazistas, mas ao mesmo tempo com uma visão cristã, pietista de mundo, contrária à visão violenta e fanática dos nazistas.”*⁹⁴

⁹⁴ Nota-se em outros colegas do Instituto Göring esta mesma atitude indulgente para com Mathias Göring. Isto se explica provavelmente que dessa maneira evitava-se a questão sobre o papel que o Instituto teve no regime. Um pronunciamento de Göring, relatado por Schultz-Hencke, dá uma idéia do que poderia ser a citada visão, na qual elementos cristãos-pietistas eram, por suposto, compatíveis com elementos da fanática ideologia dos nazistas: quando Göring tomou conhecimento no início da guerra que se iriam construir bordéis nas zonas ocupadas, disse

Kemper se ocupou ainda algumas vezes da questão do nazismo, principalmente nos seus últimos anos. Fez comparações entre determinadas seitas fanáticas brasileiras que faziam sacrifícios de sangue e as massas fanatizadas pelo fascismo de Hitler, embora lhe parecessem claros os limites de sua comparação, em vista das diferenças culturais e das desiguais dimensões do horror (Kemper, 1965).

O seu ensaio “ Die Doppelsichtigkeit von Tatbeständen”(A dupla face dos fatos) é muito revelador, no que diz respeito à sua opinião sobre o nazismo mais tarde. (Kemper, 1964b). Ele descreve no mesmo a sua atividade no Rio de Janeiro como perito para a “United Restitution Organisation (URO). Nessa função, ele teve de dar um parecer sobre o pedido de indenização de uma senhora, que havia sobrevivido na Alemanha Nazista a trabalhos forçados, gueto, campo de concentração em Auschwitz e Bergen-Belsen e depois de sua libertação, havia emigrado em 1946 para o Brasil. Após um processo que se estendera durante anos, fora-lhe concedida com base num parecer de dois médicos, em vista de seus distúrbios psicossomáticos e incapacidade de trabalho, uma indenização que cobria apenas os custos do seu tratamento. E lhe fora recusado o direito a uma aposentadoria ou a uma indenização em dinheiro, *“porque a redução de sua capacidade de trabalho em decorrência da perseguição sofrida, havia sido avaliada a partir de janeiro de 1949 em menos de 25 por cento”*. A maneira como Kemper, na qualidade de terceiro perito, reconstrói, com base em entrevistas com a requerente, a origem do sofrimento da mesma e como ele aponta erros na maneira de pensar e interpretar nos pareceres anteriores, comprova como ele, ao contrário de muitos colegas nessa função, possuía uma capacidade de empatia para com vítimas do nazismo, que tinham sido prejudicadas *“de forma cruel” no corpo e na alma, em decorrência de uma “injustiça inaudita”*. (Kemper, 1964b: 547).⁹⁵

Incompetência

As acusações que pesam sobre Kemper de erros graves de caráter e profissionais, levam a supor que se poderia provar também extremas deficiências

que mulheres judias seriam particularmente adequadas para a função nos mesmos, porque os judeus tinham dado provas desde a antiguidade de sua imoralidade sexual (Schultz-Hencke, 1949: 531). Pelo jeito, racismo, cinismo e dupla moral, caracterizavam a “compatibilidade” de Göring.

⁹⁵ Comparar a crítica de Eissler com outros pareceres da URO (Eissler, 1963/64/1984).

quanto à sua competência psicanalítica. O psicanalista brasileiro Hécio Mattos dedicou-se ao estudo de Kemper sob este aspecto. Na sua tese de doutorado editada na França “Mythes Fondateurs de la Psychanalyse au Brésil” (Mitos Fundadores da Psicanálise no Brasil), (Mattos, 1996), ele analisa ao longo de cerca de cinquenta páginas o ensaio de Kemper “Der Patient schweigt” (O silêncio do paciente) (Kemper, 1948). A escolha do objeto de Mattos é com efeito muito boa, uma vez que o próprio Kemper o citou como um dos seus ensaios que, na retrospectiva, mais apreciava (Kemper, 1973b: 342). Mattos não deve ter tido no entanto uma grande escolha à disposição, segundo as suas indicações bibliográficas. Ele nomeia somente duas outras publicações de Kemper (em português, Kemper, 1964a; Kemper, 1960) e parece desconhecer todas as demais. No caso, o seu problema de não saber a língua alemã tem o agravante que a tradução em português do ensaio em questão não é fidedigna.

O assunto das reflexões de Kemper no ensaio “*uma situação típica no trabalho psicoterapêutico-analítico*”, justamente “o silêncio do paciente”, vira na tradução, uma situação típica da “prática psicanalítica”. As noções são trocadas freqüentemente pelo tradutor para psicanálise, quando na reflexão de Kemper se trata de terapia psicanalítica. Fala-se erradamente de “prática analítica”, “trabalho psicanalítico”, etc. ou traduz-se às vezes até a palavra “Arbeit” (trabalho) por “análise”. Neste sentido, a tradução dá a impressão de que Kemper se refere de fato à psicanálise no seu sentido restrito de psicoterapia. Daí Mattos deduz que Kemper considerava a sua regra fundamental “*apenas como um simples instrumento técnico*” (Mattos, 1996: 311). Que ele encobriria e não levaria em conta as causas externas, principalmente as condições de guerra, que tornavam impossível o trabalho psicanalítico. Que ele proporia como “soluções” em vez disso “*mecanismos de adaptação puramente técnicos*”. Que ele avaliaria dessa forma o direito do paciente ao silêncio, acima da regra fundamental da psicanálise (idem, p. 315). Portanto, que o fundamento da teoria da psicanálise teria sido alterado nas reflexões de Kemper. (Mattos, 1996: 301).

Mattos constata, com razão, a psicoterapeutização da psicanálise no “Instituto Göring”. Porém, a sua acusação enfática contra Kemper, de que na psicanálise se tem de manter de forma conseqüente a sua regra fundamental, não se justifica,

enquanto isto não seja considerado uma condição indispensável na psicoterapia psicanalítica.

As reflexões de Kemper vêm do fato que ele mesmo trabalhou em terapia com pacientes, que eram obrigados a manter sigilo sobre certos assuntos. Ele compreendeu o problema que isso representava para o trabalho terapêutico e tentou então uma solução de emergência. Para que “*o curso das idéias exprimidas livremente na hora se mantivesse transparente para ele*” (o terapeuta, H.F.), ele tinha de saber pelo menos quando o paciente silenciava sobre algo. “*Como conseqüência prática resulta, que cada vez que o paciente omite no curso de uma hora uma idéia relacionada à sua obrigação de sigilo, então que ele comunique expressamente que silenciou algo*” (Kemper, 1948: 506).

Sem dúvida, um método precário mesmo em psicoterapia, mas que só se pode desaprovar por princípio, se, em geral, se acha que pessoas portadoras de segredos profissionais ou pessoas que têm conhecimento de crimes não deveriam ser tratadas psicoterapeuticamente.

Na medida que Mattos não percebe que Kemper se refere explicitamente à terapia psicanalítica e não a uma “análise normal”, ele se envolve em argumentações insustentáveis. Na verdade, ele deveria ter notado que, em várias passagens em português do ensaio, fala-se de “terapeuta” e inclusive se compara “*trabalho psicoterapêutico-psicanalítico*” com “*análise normal*” (Kemper, 1948: 505).⁹⁶

Sobretudo ele deveria ter notado as implicações curiosas de sua conclusão, uma vez baseadas numa falsa premissa. Um exemplo:

Kemper cita a seguinte possibilidade entre numerosas variantes de “silêncio” : “*Tal comportamento de não se falar sobre segredos de um terceiro sem que este o permita explicitamente, muito respeitável na vida particular, pode ser mantido pelo paciente também na análise, como uma exceção natural da regra fundamental. O terapeuta sempre deve pensar em tais possibilidades.*”

Mattos comenta essa passagem da seguinte maneira: “*Ele (Kemper, H.F.) acaba aceitando explicitamente o silêncio em relação a uma terceira pessoa 'como uma exceção natural da regra fundamental', utilizando argumentos de ordem moral*”. Mattos ignora a observação final de Kemper, de que “*o terapeuta deve sempre pensar em tais possibilidades*”. É compreensível, na medida que ele tenta provar o contrário do que Kemper diz. De acordo com a sua argumentação, essa frase deveria significar que o

⁹⁶ Na tradução para o português, a comparação é aliás enfraquecida para “trabalho psicanalítico” e “análise normal”. (Kemper, 1948/1981: 62).

terapeuta deve sempre pensar, que a regra fundamental não precisa ser sempre respeitada.

Mattos separa às vezes trechos no texto para comprovar a sua falsa premissa e assim divide afirmações de Kemper, que então não mais combinam com a interpretação do mesmo. Essas passagens servem depois como prova da contradição de Kemper, quando Mattos recorre novamente ao tema. Assim ele atribui várias vezes a Kemper exatamente o contrário do que ele afirma. Em várias passagens fica claro que se trata principalmente de preconceito.⁹⁷ Um exemplo:

Kemper se refere ao passado nazista e “à *obrigatoriedade de sigilo sobre certos assuntos profissionais*”, que colocava certos pacientes “*frente a um dilema praticamente insolúvel: de um lado, seu juramento profissional; de outro, a regra fundamental da análise de “dizer tudo”*”. Mattos faz a seguinte pergunta: “*Por que é só o paciente que se encontra no caso diante de um dilema insolúvel, não o analista, ou não os dois?*” (Mattos, 1996: 311). Ele não se refere aí à observação que Kemper faz sobre o silêncio do terapeuta. (Veja abaixo). Obviamente, ele também não tem na cabeça o raciocínio absurdo, que também o analista devesse dizer realmente tudo. A pergunta serve apenas para umas alusões vagas em relação ao caso Rittmeister e ao fato que Erna Göring fazia análise com o próprio Kemper. Ele deduz daí algumas conclusões, cuja “*pointe*” consiste na suposição de que Kemper deve ter sido mesmo interessado, que os seus pacientes não falassem sobre certos assuntos. Pois: “*não se deve esquecer, que o conhecimento de segredos incluía a possibilidade de ser chamado para depor em Nuremberg ou como testemunha ou como cúmplice*” (idem, p. 324). Esta justificativa é pouco convincente, mas, em compensação, revela a fantasia do autor em relação à importância de Kemper na Alemanha Nazista.

Por outro lado, o fato que Kemper não refletiu no caso sobre o interesse do analista no silêncio do paciente, deveria merecer maiores considerações. Porém, sob pontos de vista completamente diferentes. Antes de tudo, porque simplesmente podia ser perigoso num regime totalitário ficar sabendo de atividades dirigidas contra o regime e não denunciá-las. Outra razão muito concreta, podia ser a indagação que

⁹⁷ Ele também parte do princípio, como outros autores citados, que se pode tirar conclusões do não-dito em si, isto é, sem conhecimento das demais circunstâncias. Mattos faz isso em relação inclusive ao não-acontecido. Ele especula, por exemplo, por que razão o ensaio de Kemper só foi publicado após tantos anos no Brasil. Ele ignora completamente o fato que o ensaio em questão, é afinal uma das raras publicações de Kemper traduzidas para o português.

se faria com certeza em relação à prisão de Rittmeister, se Kemper como seu analista sabia de suas atividades na resistência. Kemper teve muito medo disso e viveu algumas semanas desagradáveis, até se convencer de que “*nada se sucederia*” (Kemper, 1973a).

Mattos tenta provar também que Kemper só conhecia um “*inconsciente descritivo*”. Isto descreditará completamente Kemper. Além de moralmente, também quanto à sua competência de psicanalista. Mas a argumentação de Mattos não convence absolutamente. Um exemplo: no texto em questão Kemper tenta construir uma visão dos diversos tipos e formas de silêncio. Ele diferencia primeiramente entre “*ocultar uma coisa e silenciar*”. No primeiro caso haveria quase sempre uma intenção proposital e má, mas também poderia ocorrer não intencionalmente e “*de boa fé*”.⁹⁸ O verdadeiro silenciar seria “a expressão de uma resistência consciente, parcialmente consciente ou inconsciente do paciente” (Kemper, 1948: 505). Mattos escreve “*aí surge o problema lançado pelo próprio Dr. Kemper da distinção entre uma resistência consciente e uma resistência inconsciente. A primeira seria em que o motivo apresentado consciente não teria nenhuma causa inconsciente. Uma tal afirmação tem a sua correlação teórica numa separação absoluta entre os processos conscientes e inconscientes, o que pressupõe, que se aceite, que existe uma transposição de um sistema para o outro sem deixar restos. São formas de compreensão, que combinam com a concepção descritiva da diferença entre consciente e inconsciente, sem insistir sobre aquilo que distingue os dois processos*” (Mattos, ídem p. 306). Por que razão Mattos acredita que a diferenciação a que se refere Kemper deve ser considerada em termos absolutos, resta incompreensível.

Mattos poderia ter-se poupado muitos esforços de interpretação, se tivesse se informado sobre as publicações de Kemper interessantes para a sua tese, de que ele conheceria só um inconsciente descritivo.⁹⁹ Tratam-se sobretudo de suas publicações sobre a questão da transferência e contratransferência. Elas documentam mais do que suficientemente, que Kemper se orientava na teoria dos impulsos e a importância que ele dava aos processos de transferência e contratransferência. E não, que ele, ao mesmo tempo, tenha feito prevalecer um

⁹⁸ Veja o exemplo citado acima de comportamento discreto no cotidiano, que eventualmente o paciente pode acreditar erradamente, que valha também para a situação terapêutica.

⁹⁹ Que no caso se pode reduzir muito a barreira da língua, prova Sérgio no seu trabalho. Ela mandou fazer traduções em português de uma série de publicações em alemão.

inconsciente estático-descritivo (Kemper, 1953/54; Kemper, 1954/55; Kemper, 1969). Inclusive numa passagem do tão criticado ensaio por Mattos, Kemper fala explicitamente sobre isso. Após referir-se rapidamente à questão do silêncio do terapeuta e seu problema, ele escreve: “*seria interessante como contraponto a este trabalho – “O silêncio do paciente” - , escrever um ensaio sobre o “O silêncio do analista”. O tema da contratransferência, um pouco desconsiderado, teria um papel muito grande nele*”(idem, p. 518).¹⁰⁰

“Seguidor” do Nazismo

Kemper não foi com certeza um “Mitläufer” (“seguidor”) do regime nazista, no sentido jurídico dos processos de desnazificação, nos quais se diferenciavam cinco categorias: 1. culpado; 2. comprometido (ativista); 3. pouco comprometido; 4. seguidor; 5. isento de culpa. Como ele não foi membro do Partido Nazista, não pertenceu a nenhuma organização nazista e nada havia de comprometedor em particular contra ele, foi considerado “isento de culpa”. Após o fim da II Guerra Mundial, Kemper pôde se dedicar então imediatamente à criação de novas instituições, no que atentou, juntamente com Schultz-Hencke, de que só participassem colegas descomprometidos politicamente.

Kemper foi no entanto “seguidor” no sentido literal da palavra, na medida que se adaptou ao regime. Já só essa razão, implica numa certa cumplicidade para com os crimes cometidos pelo regime, como no caso de todas as pessoas na Alemanha que não fugiram ou não se opuseram ao mesmo. Se pretende-se avaliar essa culpa, tem-se de considerar que o regime totalitário produziu uma pressão de adaptação muito forte. Para a geração posterior é difícil avaliar em que medida uma adaptação podia ser evitada se a pessoa não se queria expor ao perigo, assim como é difícil igualmente avaliar até que ponto teria sido preciso mais coragem civil. Na crítica

¹⁰⁰ O interesse particular de Kemper pela questão da transferência começa já nos anos trinta. Nesse sentido existe a possibilidade que se atribua a Kemper reflexões de autoria de Schultz-Hencke, que Kemper tornou conhecidas no Rio na sua sociedade psicanalítica. Mas independentemente do fato que Kemper se sentia “ligado por amizade” a Schultz-Hencke “acima de todas as diferenças pessoais e práticas”, ele esclareceu que não era um “schultz-henckeriano” e nunca poderia ser (carta a Müller- Braunschweig de 7.10.1950, reproduzida em Brecht et alii, 1985²: 203). Isto valia sobretudo em relação ao desinteresse de Schultz-Hencke pela questão das relações de transferência. Na sua autobiografia, Kemper explica isso como um dos motivos, porque nunca quis se ligar ao círculo estreito em volta de Schultz-Hencke: “*Por exemplo, ele avalia diferentemente a questão da transferência tão altamente avaliada por mim, se possível ignora (no caso da contratransferência nem se fala),*

tem-se de ter cuidado de não julgar por si com uma falsa pretensão. Mas também tem-se de ter cuidado de, por falta de crítica, não se aceitar posteriormente como insignificante o comportamento de pessoas que tiveram participação nos acontecimentos dessa época.

Kemper confessou o seu medo, o que não o deixou agir heroicamente. Por justiça, tem-se de admitir igualmente no seu caso, *“que o fato que muitas pessoas não opuseram resistência, não é um fenômeno que necessita de esclarecimento; mas muito mais que, apesar de tudo, algumas pessoas tenham ousado resistência, é que precisa de um esclarecimento.”* (Lohmann; Rosenkötter, 1984: 60).

É evidente, no que concerne a crítica ao comportamento de Kemper, que freqüentemente ela parte de uma atitude preconceituosa. Não só no que diz respeito às acusações difamatórias difundidas sobre ele no Brasil e na França.¹⁰¹ Inclusive em autores alemães, constata-se um certo preconceito. Por exemplo, Friedrich pretende que Kemper em sua descrição do fim do “Instituto Göring” em abril de 1945 quisesse *“então por um ponto final ao período nazista”* (Friedrich, 1987: 221). Na verdade, Kemper diz que, com a *“destruição” do Instituto “fatalmente foi posto um ponto final”* *“num desenvolvimento, que nos últimos anos causara crescente preocupação naqueles que refletiam sobre o seu caráter, por visar uma aplicação ampla e um efeito, sobretudo como ocorreu por força nos anos da guerra, sem falar de certas tendências políticas”* (Kemper, 1945/1947). Como mostram as suas frases seguintes a respeito de um novo desenvolvimento que se teria realizado às ocultas, ele se refere anteriormente ao ponto final ocorrido no desenvolvimento de uma variante da psicoterapia dominante no nazismo. E não em relação ao nazismo.¹⁰²

Lockett lida da mesma maneira com uma citação de Kemper. Referindo-se a uma outra publicação, ela critica, apesar de com toda razão, que Kemper teria atribuído a destruição do Instituto “por assim dizer a um poder anônimo”. E acrescenta que Kemper *“dessa maneira oculta a sua ambivalência, que transparece num outro trabalho (“o silêncio do paciente”). A Alemanha do ‘Dritte Reich’ revela-se*

em todo caso ele não a considera, não sistematicamente bastante para mim, no seu procedimento terapêutico” (Kemper, 1973b: 320).

¹⁰¹ O fato de Kemper no Brasil não ser estimado por muitos psicanalistas, tem também a ver com o seu papel na história da SPRJ. Não é possível estender-me aqui sobre isso. Ignoro a razão porque R.P. julgam Kemper tão subjetivamente.

¹⁰² A caracterização em alemão “schicksalhaft” (fatalmente), também não me parece adequada. (Veja a seguir).

mais uma vez como parte de uma força, que visa o mal, mas que produz mesmo assim o bem” (Lockot, 1994: 58). Todavia Kemper diz referindo-se à fusão forçada pelos nazistas das diversas variantes de psicologia de profundidade que “*e aqui a Alemanha do ‘Dritte Reich’ revela-se excepcionalmente uma vez como parte de uma força...*” etc.¹⁰³

Cocks também nos mostra como é difícil julgar uma figura como Kemper. Nota-se praticamente um processo de transformação da sua opinião ao longo de suas observações. Nas suas primeiras publicações, ele julga de maneira pouco crítica o envolvimento dos membros do “Instituto Göring” no regime nazista. Inclusive o próprio Kemper, para com quem ele se sentia particularmente agradecido, por ele tê-lo ajudado na obtenção de material (Cocks, 1975: vii). Posteriormente, influenciado por novas publicações críticas, ele revida a sua primeira avaliação e julga então de uma maneira mais crítica alguns procedimentos, porém nem sempre corretamente. Por exemplo, ao considerar a participação de Kemper e Schultz-Hencke nos dois encontros realizados em Berlim na zona de ocupação soviética como prova suficiente para afirmar que os dois teriam colaborado “*na organização de uma psicoterapia no setor russo de Berlim*” (Cocks, 1997: 374).

Cocks parece então já não se sentir mais seguro dos critérios, nos quais ele teria de se orientar na sua avaliação. Ele se admira, por exemplo, de que Rittmeister pudesse atuar na resistência e ao mesmo tempo sentir satisfação no seu trabalho na Policlínica do Instituto (Cocks, 1997: 380). E partindo da constatação de que peritos eram muito úteis ao regime, então é uma questão aberta para ele, quem apoiava o regime de forma efetiva: o psicoterapeuta incompetente, filiado ao partido nazista, ou o psicoterapeuta, em princípio contra os nazistas, mas que fazia bem o seu trabalho terapêutico? (ídem, p. 381). Obviamente Cocks desconhece a importância da profissão de fé ideológica para o sistema. Talvez ele a tivesse podido reconhecer, se tivesse feito uma relação com outros grupos profissionais, como,

¹⁰³ O destaque nas duas citações são do autor deste. Veja também o irônico comentário de Lockot (1994: 185) sobre o relatório de Kemper sobre o Congresso de 1948, que a mesma autora me colocou à disposição generosamente. Kemper escreve que a participação nesse congresso, em que se discutiram questões relacionadas à Alemanha, significou tanto para ele, como para os outros participantes alemães, um dever especial: “*Por exemplo, na reunião sobre o tema “Autoridade no Nazismo e Liberdade” ou “Culpa Coletiva” ou na reunião na qual foram divulgadas estatísticas chocantes sobre danos causados em crianças nos países ocupados pela Alemanha. Pôde-se constatar aí claramente, que nosso procedimento e nossas observações nas discussões, contribuíram para diminuir a atitude reservada com que nós alemães fomos tratados no início do congresso e para, ao fim do mesmo, sermos tratados até com explícita cordialidade.*”

professores universitários ou padeiros, etc..¹⁰⁴ Quem se declarava adepto da ideologia nazista, apoiava como nazista o sistema. Quem trabalhava na sua competência de perito, não apoiava automaticamente e diretamente por isso o sistema e a sua ideologia e não fortalecia por isso o regime. Dependia dos objetivos que o trabalho visava. Em primeira linha, ele contribuía para o funcionamento da sociedade, na qual existiam também tendências indesejáveis da parte do regime e contrárias ao mesmo, que eram reprimidas. É uma diferença essencial, se alguém se declara por convicção em favor do criminoso regime e de sua ideologia ou se tenta adaptar-se para sobreviver.¹⁰⁵

Provavelmente foi um ensaio de Friedrich, que Cocks cita, que contribuiu para a sua posterior mudança de atitude. Nele Friedrich duvida de uma avaliação de Cocks feita no início da década de oitenta sobre os psicanalistas que haviam permanecido na Alemanha durante o nazismo. Segundo Cocks, eles *“teriam constituído o grupo menos contaminado no sistema dentre os psicoterapeutas no processo de institucionalização e profissionalização dos mesmos”*. Friedrich pergunta se ao contrário *“não teriam sido justamente os psicanalistas, que se afastaram o mais distante das posições teóricas de sua ciência anteriores a 1933 e, considerando o nível que a ciência psicanalítica já se encontrava antes de 1933, se não teriam sido eles próprios que realizaram o maior esforço para a sua integração na psicoterapia alemã, no conceito da ainda não claramente definida “nova ciência da psicoterapia alemã”? E a integração no sistema nazista não teria sido levada ainda mais adiante por Felix Boehm, Werner Kemper e Carl Müller-Braunschweig do que por Harald Schultz-Hencke, considerado até agora na história como o membro da DPG (Sociedade Psicanalítica Alemã), que mais se teria integrado no sistema nazista(...)?”* (Friedrich, 1987).

Tanto nesta questão, como na pergunta de Cocks, o critério decisivo para a avaliação de quem se teria feito de alguma maneira culpado, não é primordialmente a concordância com as idéias e as ações dos nazistas. Um outro critério ganha de maneira sub-reptícia uma importância central. Não a questão da competência profissional do terapeuta, como em Cocks, mas a questão em que medida o

¹⁰⁴ A questão pode ser respondida eventualmente de outra maneira, quando se trata de um caso único de um perito altamente especializado, para o qual não existisse nem mesmo um substituto incompetente.

¹⁰⁵ É essencialmente uma questão da integridade pessoal. (Veja Feiner, 1975). Da perspectiva de Cocks, poder-se-ia até considerar o nazista incompetente como o subversivo no caso, na medida que ele seria capaz de causar danos por incompetência, e por essa razão até descreditar a causa nazista.

psicanalista traiu a psicanálise. No entanto esta tem uma importância inferior em relação à questão do “*grau de culpabilidade*” (Cocks, 1983) na adaptação ao regime criminoso. Prender-se à psicanálise, até onde isso era possível, “*não pode ser avaliado como expressão de resistência política*” (Bräutigam, 1984: 910). Por outro lado, a simples redução da psicanálise ao nível de uma psicoterapia, que negava a sua origem freudiana, não pode ser decisiva na avaliação do envolvimento do psicanalista no sistema nazista. Isto também fizeram em outras épocas psicanalistas sem ser forçados e por motivos completamente diferentes. A culpabilidade resulta essencialmente do fato que essa redução foi relacionada à participação da psicanálise na “arianização”, na neutralização da visão de mundo e até no comprometimento da teoria da psicanálise, inclusive de seu funcionamento quase sem atrito, de acordo com as diretivas do sistema nazista.

Para poder-se avaliar individualmente o “*grau de culpabilidade*”, se teria de considerar o comportamento inteiro de cada psicanalista que participou nesse processo. “*Sabemos no entanto que entre resistência e colaboração haviam outras modalidades praticadas pelas pessoas, não somente psicanalistas, que tinham de viver sob a ditadura de Hitler*” (Dahmer, 1989: 206). Kemper é um exemplo. Obviamente não se pode julgá-lo de maneira adequada, se, por um lado, se faz isto somente sob o ponto de vista do seu comprometimento no regime nazista por força de sua adaptação ou, por outro, por ele não ter, como Rittmeister, ousado uma resistência política. No seu comportamento, há incontestavelmente atitudes que têm de ser criticadas. Como o fato que ele não foi capaz de reconhecer mais claramente na retrospectiva a parte de culpa que lhe cabia no processo de adaptação da psicanálise. Isto é lamentável, embora este comportamento tenha sido típico numa sociedade, que se revelou em geral incapaz de trabalhar o seu luto (Mitscherlich, 1967). No caso de Kemper, isto talvez se explique psicologicamente, não só porque assim ele podia evitar os sentimentos que nele poderia causar uma confrontação com as recordações relacionadas, por exemplo, ao seu procedimento na época para com os colegas judeus, conforme já relatado lhe ocorreu em Budapeste. Mas também porque isto com certeza tem a ver com “*a economia psíquica até hoje não descrita psicanaliticamente das pessoas que não cederam, ou o fizeram apenas parcialmente ou por pouco tempo, à ideologia nazista, apoiada coletivamente*”. Sobretudo que elas vivenciaram nos últimos anos da II Guerra Mundial “*afetos de raiva impotente, de desamparado furor, de repugnância, medo e pesar...*” (Dräger, 1971: 259). A isso

ainda se somaram nos primeiros anos do pós-guerra, fome, falta de moradia e outras privações. Essas pessoas se sentiram sobretudo mais como vítimas, do que dispostas a se questionar sobre a própria culpa.

Há certamente contradições no comportamento de Kemper. Mas, no total, há muitas indicações de que provavelmente ele não deve ter tido a mínima simpatia pelo regime nazista e a sua ideologia. O seu procedimento para com Reich, Lotte Liebeck, Edith Jacobson e Rittmeister; a sua relação com Fenichel e a sua função de informante para ele e seu movimento; os depoimentos de pessoas de confiança desse tempo; o seu procedimento como chefe da Policlínica e outros indícios, exprimem o contrário e provam que ele não foi simplesmente um “seguidor” do nazismo. Na medida que é possível se avaliar o seu procedimento no nazismo, com base nas informações que me foram acessíveis aqui documentadas, ele pode merecer crítica, mas as acusações em que se contesta a integridade de sua pessoa, não se justificam.¹⁰⁶

O caso Kemper

O que se pode aprender do “caso Kemper”, considerando as circunstâncias acima relatadas que transformaram o psicanalista Kemper num caso? Obviamente nada, se toma-se conhecimento de apenas uma parte dos fatos, se substitui-se a falta de informações por especulações e se interpreta-se aquilo que no seu comportamento há de fato a criticar, somente como expressão de falta de caráter, oportunismo, carreirismo, covardia, denúncia, tendência autoritária, etc. Mas o “caso Kemper” denota algo de exemplar em si. Reconhecer isto, exige que se compreenda e se critique, como foi possível que Kemper e alguns outros psicanalistas, não apenas alemães, puderam acreditar e durante tanto tempo ater-se a esse engano, que a psicanálise poderia ser “salva” por meio da sua adaptação ao sistema nazista?

¹⁰⁶ Suponho que Kemper tem sido tão criticado por alguns críticos nos últimos anos, porque a questão da identidade do psicanalista, que se tornou tão problemática em sua biografia, ganhou muita importância, mas não pode ser resolvida claramente. No seu caso, nota-se, de um lado, sua fidelidade à IPA, de outro seu ecletismo, a sua forte orientação psicoterapêutica, que hoje determina o cotidiano do psicanalista. O fato que ele não sofreu e não se lamentou da perda objetiva da sua identidade de psicanalista, condicionada pela mutilação da psicanálise na Alemanha Nazista e, em vez disso, relevou como benefícios os resultados da cooperação forçada das “irmãs obstinadas” da psicologia de profundidade. O fato que ele tenha dado a isso tanta importância, que quis inclusive continuar voluntariamente essa cooperação depois da guerra. (No que ele não era o único). (Bohleber, 1986).

E como foi possível, que, apesar de tudo, mesmo na retrospectiva eles pretendessem, que haviam conseguido isso e enganando-se a si mesmos por tanto tempo, nem constatassem nisso nenhuma contradição?

Com certeza isto tinha e tem a ver essencialmente com falta de reflexão política e falta de visão para os problemas sociais. Mas na confrontação com o fascismo isso não se revela como um problema particular de pessoas como Kemper, embora tenham existido também psicanalistas como Bernfeld e Reich, interessados nas teorias sociais, que reconheceram relativamente cedo com quem se tinha a ver com os nazistas. Tais problemas faziam parte da compreensão dominante da psicanálise, que Robert Castel denominou de psicanalismo (Castel, 1973). É o resultado da abstração da psicanálise dos seus objetivos político-sociais, de suas determinantes socio-econômicas, de suas pressões institucionais e de sua responsabilidade social. Esta atitude é ainda muito difundida. A interpretação do escândalo de tortura no Rio de Janeiro como consequência de características pessoais e procedimentos de Kemper é apenas um comprovante entre muitos.

Bibliografia

Baumeyer, F. (1971): Zur Geschichte der Psychoanalyse in Deutschland. 60 Jahre Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft. In: Zschr. Psychosom. Med. Psychoanal., Vol. 17 / 1971, 203-240.

Berger, G. (1998): Die beratenden Psychiater des deutschen Heeres 1939 - 1945. Ffm.

Bohleber, W. (1986): Zur Geschichte der Psychoanalyse in Stuttgart. In: Psyche, Vol. 5 / 1986, 377-411.

Bräutigam, W. (1984): Rückblick auf das Jahr 1942. Betrachtungen eines psychoanalytischen Ausbildungskandidaten des Berliner Instituts der Kriegsjahre. In: Psyche, Vol. 10 / 1984, 905-914.

Bräutigam, W. (1992): Leben und Sterben John Rittmeisters. In: Teller, C. (ed.): John Rittmeister. "Hier brennt doch die Welt" (143-179). Gütersloh. Jakob van Hoddis.

Brecht, K. (1988): La psychanalyse sous l'Allemagne nazie: adaptation à l'institution, relations entre psychanalystes juifs et non juifs. In: Revue internationale d'histoire de la psychanalyse, Vol. 1 / 1988, 95-107.

Brecht, K.; Friedrich, V.; Hermanns, L., M., et alii (1985²): "Hier geht das Leben auf eine sehr merkwürdige Weise weiter..." Zur Geschichte der Psychoanalyse in Deutschland. Hamburg (Michael Kellner).

Castel, R.(1973): Le psychanalisme. Paris (Maspero).

Cocks, G.(1975): Psyche and Swastika. Neue Deutsche Seelenheilkunde 1933 - 1945. Los Angeles.

Cocks, G.(1983): Psychoanalyse, Psychotherapie und Nationalsozialismus. In: Psyche, Vol. 12 / 1983, 1057-1106.

Cocks, G.(1985): Psychotherapy in the Third Reich. The Göring Institute. New York , Oxford (Oxford Univ. Press).

Cocks, G.(1997): Psychotherapy in the Third Reich. New Jersey (Transaction Publishers).

Cremerius, J.(1989): Der Psychoanalytiker als Militärpsychiater. Offener Brief an Peter Kutter. In: Psyche, Vol. 43 / 1989, 558-563.

Dahmer, H.(1989): Psychoanalyse ohne Grenzen. Freiburg (Kore).

Dräger, K.(1971): Bemerkungen zu den Zeitumständen und zum Schicksal der Psychoanalyse und der Psychotherapie in Deutschland zwischen 1933 und 1949. In: Psyche 25, Sonderheft 4 / 1971, 255-268.

Eissler, K. R.(1963/64)(1984): Die Ermordung wievieler seiner Kinder muß ein Mensch symptomfrei ertragen können, um eine normale Konstitution zu haben? In: Lohmann, H.-M. (ed.): Psychoanalyse und Nationalsozialismus.(159-209). Ffm.

Ernst, A.(1997): Die beste Prophylaxe ist der Sozialismus. Ärzte und medizinische Hochschullehrer in der SBZ/DDR 1945-1961. Münster.

Evard, J.-L. (ed.)(1984): Les années brunes. La psychanalyse sous le III^e Reich. Paris: Confrontation.

Feiner, A. H. (1975): The Dilemma of Integrity. In: Contemporary Psychoanalysis, Vol. 11 / 1975, 501-509.

Fenichel, O.(1998): 119 Rundbriefe (1934 - 1945) 2 Vols. Ffm.; Basel (Stroemfeld).

Féral, T.(1987): Nazisme et psychanalyse. Paris (La Pensée universelle).

Friedrich, V. (1987): Psychoanalyse im Nationalsozialismus. Vom Widerspruch zur Gleichschaltung. In: Jahrbuch der Psychoanalyse 20 /1987, 207-233.

Füchtner, H.(1978): Der Psychoanalytiker und der Guerillero. In: Psychologie und Gesellschaft, Vol. 5/1978, 22-44.

Füchtner, H.(1984): Traurige Psychotropen? In: Psyche, Vol. 7/1984, 605-626.

Füchtner, H.(1985): Tragische Psychotropen? In: Psyche, Vol. 12 / 1985, 1150-1154.

Füchtner, H.(1997): Sobre a questão do suposto nazismo de Kemper. In: Destacamento do grupo pró-ética, Vol. 13 / 1997, 24-26.

Füchtner, H. (2003). "Psychoanalytiker, Mitläufer, Nazi, Gestapomann, militanter Marxist?"

Der Fall Werner Kemper." Jahrbuch der Psychoanalyse 46, Mai 2003: 137-191.

Gidal, T. N.(ed.)(1990): Die Freudianer. Auf dem 13. Int. Psychoanalytischen Kongress 1934 in Luzern. München / Wien: VIP.

Göring, M.(ed.)(1934): Deutsche Seelenheilkunde. Leipzig.

Gostomski, V. v.; Loch, W.(1969): Der Tod von Plötzensee. Erinnerungen - Ereignisse - Dokumente 1942 - 1945. Freising (Kyrios Meitingen).

Griebel, R.; Coburger, M.; Scheel, H., et alii (ed.)(1992): Erfasst? Das Gestapo-Album zur Roten Kapelle. Halle: Audioscop.

Hermanns, L. M.(1982): John F. Rittmeister und C.G. Jung. In: Psyche, Vol. 11 / 1982.

Hermanns, L.(1985): Psychoanalytische Ausbildung am "Deutschen Institut für psychologische Forschung und Psychotherapie"? - Überlegungen am Beispiel John F. Rittmeisters. In: PSA-Info, Vol. 26, 37-42.

Hermanns, L.(1989): Bedingungen und Grenzen wissenschaftlicher Produktivität bei Psychoanalytikern in Deutschland 1933 bis 1945 - mit einem exemplarischen Versuch über Alexander Mette und sein Novalis-Projekt. In: Jahrbuch der Psychoanalyse, Vol. 25 / 1989, 28-54.

Hermanns, L.(1991): Psychoanalytiker in Deutschland 1939-1945. Zwischen Anpassung und Widerstand. In: Juelich, D.(ed.): Geschichte als Trauma . Ffm.

Höck, K.(1979): Psychotherapie in der DDR: Eine Dokumentation zum 30. Jahrestag der Republik. Teil I / Teil II. Berlin.

- Höhne, H.(1972): Kennwort: Direktor.Ffm.
- Jacobson, E.(1969): Erinnerungen an das alte Berliner Psychoanalytische Institut. In: Die Berliner Ärztekammer, Vol. 12 / 1969.
- Katz, C. (ed.)(1985): Psicanálise e Nazismo. Rio de Janeiro: Taurus.
- Kemper, J.(1988): Brief an die Psychoanalytische Gesellschaft von Rio de Janeiro. In: Psyche, Vol. 11 / 1988, 1016-1020.
- Kemper, W.(1938): Die Indikation zur Psychotherapie bei Neurosen. In: Curtius, O.(ed.): Kongreßbericht über die zweite Tagung der Deutschen Allgemeinen Ärztlichen Gesellschaft für Psychotherapie. (5-19). Düsseldorf. Knorsch.
- Kemper, W. (1939)(1950): Die Übertragung, ihre diagnostischen und therapeutischen Möglichkeiten. In: Psychoanalyse, Vol. I Cad. 2 1949/50.
- Kemper, W.(1942)(1975): Die Störungen der Liebesfähigkeit beim Weibe. Klinik, Biologie und Psychologie der Geschlechtsfunktion. Leipzig (Thieme).
- Kemper, W.(1943): Die Bedeutung des Seelischen für die Fruchtbarkeit des Menschen. In: Die Medizinische Welt, Vol. Ano 17 Nr. 22/23 Juni 1943, 423-429.
- Kemper, W.(1944): Weniger bekannte Aufgaben ärztlicher Eheberatung. In: Deutsches Ärzteblatt, Vol. 74 / 1944, 166-169.
- Kemper, W.(1945)(1947): Die Seelenheilkunde in unserer Zeit. Ihre Entwicklung, ihr Stand, ihr Anspruch, ihre Aufgaben. Stuttgart (Klett Verlag).
- Kemper, W.(1947): Bericht über den Stand der Psychotherapie in Berlin. In: Psyche, Vol. 1 / 1947, 156-159.
- Kemper, W. (1948): Bericht über den Londoner Congress on Mental Health vom 9. - 21. August 1948 (datilogr.).
- Kemper, W.(1948): Der Patient schweigt. In: Psyche, Vol. 4 / 1948, 503-522.
- Kemper, W. (1948)(1981): O silêncio do paciente. In: Jornal bras. de Psiquiatria, Vol. Ano 30 Nr.1, 61-71.
- Kemper, W.(1950)(1974): Die funktionellen Sexualstörungen. Stuttgart (Thieme).
- Kemper, W. (1951): A psicanálise como fator cultural. In: Cultura (MEC), Ano 4 / 1951, 23-37.
- Kemper, W.(1953/54): Die Gegenübertragung. In: Psyche, Vol. 10 / 1953/54, 593-626.
- Kemper, W.(1954/55): Die "Abstinenzregel" in der Psychoanalyse. In: Psyche, Vol. 10 / 1954/55, 636-640.

Kemper, W.(1955): Der Traum und seine Be-Deutung. Reinbek (Rowohlt).

Kemper, W. (1959): Psychoanalyse. Gegenwärtiger Stand und Entwicklungstendenzen in Südamerika. In: Frankl, V. E., Gebattel, V. v.,Schultz, I. H. (ed.): Handbuch der Neurosenlehre und Psychotherapie in Theorie und Praxis. (Vol. 1, 573-584. München / Berlin. Urban & Schwarzenberg.

Kemper, W.; Rudolfer, N. d. S. (1960): Aplicações sociais e difusão da psicanálise. III Congresso Psicanalítico Latino-Americano, Chile, 1960. Paper presented at the Terceiro Congresso Psicanalítico Latino - Americano, Santiago do Chile.

Kemper, W.(1964a): Das Problem der Gleichzeitigkeit von Individual- und Gruppenanalyse. In: Psyche, Vol. 5 / 1964, 314-320.

Kemper, W.(1964b): Die Doppelgesichtigkeit von Tatbeständen. Zur Begutachtung von Entschädigungsansprüchen wegen nationalsozialistischer Verfolgung. In: Psyche, Vol. 9 / 1964, 546-562.

Kemper, W.(1965): Archaische Kräfte im Schmelztiegel Brasilien. Bremen (Angelsachsenverlag).

Kemper, W. (1967). Brief an den Leiter des Berliner Psychoanalytischen Instituts der DPV Dr. W. F. Becker .

Kemper, W.(1969): Übertragung und Gegenübertragung als funktionale Einheit. In: Scheunert, G. (ed.): Jahrbuch. Psychoanalyse, 35-68. Bern. Huber.

Kemper, W.(1973a). Vortrag . Berlin.

Kemper, W.(1973b): Selbstdarstellung. In: Pongratz, L. (ed.): Psychotherapie in Selbstdarstellungen . Bern, Stuttgart, Wien. Huber.

King, P.(1988): Sur les activités et l'influence des psychanalystes britanniques durant la Deuxième Guerre Mondiale. In:Revue Internationale d'Histoire de la Psychanalyse, Vol. 1, 133-165.

Klausch, H.-P.(1995): "Erziehungsmänner" und "Wehrunwürdige". In: Haase, N.,Paul, G. (ed.): Die anderen Soldaten. Wehrkraftzersetzung, Gehorsamsverweigerung und Fahnenflucht im Zweiten Weltkrieg (66-82). Ffm. Fischer Tb.

Köhler, A.(1988): Die Beziehung Schultz-Henckes zur Psychoanalyse und seine Bedeutung für die Entwicklung der Psychotherapie in Deutschland. In: Rudolf, G.,Rüger, U. (ed.): Die Psychoanalyse Schultz-Henckes (15-23). Stuttgart / New York. Georg Thieme.

Kohte-Meyer, I.(ed.)(1998): Über die Schwierigkeit, die eigene Geschichte zu schreiben. 50 Jahre Institut für Psychotherapie Berlin. Tübingen.

Kvapil, D. D.; Hoirisch, A.; Zimmermann, D., et alii (1996): Dr. Luiz Guimarães Dahlheim. Rio de Janeiro (Visor).

Langer, M.(ed.)(1973): Questionamos 2. Buenos Aires: Granica.

Leão, I. C.(1996): Voltando ao Passado: In: Boletim Científico da SPRJ, Vol. XVII, Nr. 3, 1996.

Lockot, R.(1985): Erinnern und Durcharbeiten. Ffm (Fischer Tb).

Lockot, R.(1994): Die Reinigung der Psychoanalyse. Die Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft im Spiegel von Dokumenten und Zeitzeugen. Tübingen (Discord).

Lohmann, H. M.(ed.)(1984): Psychoanalyse und Nationalsozialismus. Beiträge zur Bearbeitung eines unbewältigten Traumas. Ffm.: Fischer Tb.

Lohmann, H.-M.; Rosenkötter, L.(1984): Psychoanalyse in Hitlerdeutschland. Wie war es wirklich? In: Lohmann, H.-M. (ed.): Psychoanalyse und Nationalsozialismus (54-77). Ffm. Fischer.

Mattos, H. F.(1996.): Mythes fondateurs de la psychanalyse au Brésil. Une étude à Rio de Janeiro. (Thèse de Doctorat en Psychopathologie et Psychanalyse. Paris VII). Paris.

Mitscherlich, A; Mitscherlich, M. (1967): Die Unfähigkeit zu trauern. Grundlagen kollektiven Verhaltens. München (Piper).

Müller, T.(2000): Von Charlottenburg zum Central Park West. Henry Lowenfeld und die Psychoanalyse in Berlin, Prag und New York. Marburg (Déjà vu Ed.) (Sigmund Freud Buchhandlung).

Nitzschke, B.(1990): Psychoanalyse als "un"-politische Wissenschaft. Über einige Konsequenzen der "Weltanschauungs"-Debatte vor 1933 für die Politik Psychoanalytischer Organisationen nach 1933. In: Texte (= Innsbrucker Arbeitskreis für Tiefenpsychologie), Vol. 10 /1990, 1-39.

Nosek, L. u. a. (Hg.)(1994): Álbum de família. Imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Platen-Hallermund, A.(1948): Berichte über den "International Congress on Mental Health", London. In: Psyche, Vol. 2/1948, 473-480.

Poelchau, H.(1963): Die Ordnung der Bedrängten. Berlin (Käte Vogt Verlag).

Pongratz, L., J.(ed.)(1973): Psychotherapie in Selbstdarstellungen. Bern, Stuttgart, Wien: Huber.

Riedesser, P.; Verderber, A.(1985): Aufrüstung der Seelen. Militärpsychiatrie und Militärpsychologie in Deutschland und Amerika. Freiburg (Dreisam-Verlag).

Riedesser, P.; Verderber, A.(1996): Maschinengewehre hinter der Front. Zur Geschichte der deutschen Militärpsychiatrie. Ffm. (Fischer Tb.).

Rittmeister, J. (1936)(1968)(1985): Die psychotherapeutische Aufgabe und der Neue Humanismus. In: PsA - Info, Vol. Nr. 26 1985, 17-36.

Rittmeister, J.(1949): Aus den Tagebuchblättern des Dr. Rittmeister aufgezeichnet im Gefängnis in der Zeit vom 26.09.42 bis zum Tage seiner Hinrichtung am 13.05.43. In: Zschr. für Psychoanalyse, Vol. 1 Cad.1, 60-66.

Rittmeister-Hildebrand, E.(1985): Aus den Aufzeichnungen John Rittmeisters während seiner Haftzeit v. 26.09.42 - 13.05.43. In: PsA - Info Nr. 26, Vols.1-16.

Roth, K.-H.(1987): Die Modernisierung der Folter in den beiden Weltkriegen.... In: 1999 Zeitschrift für Sozialgeschichte des 20. und 21. Jahrhunderts, Vol. 2/3, 1987.

Roudinesco, E.; Plon, M. (Hg.)(1997): Dictionnaire de la Psychanalyse. Paris: Fayard.

Roudinesco, E.; Plon, M. (Hg.)(1997)(1998): Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

Schröter, M.(1998): Manichäische Konstruktion. Kritik an zwei Studien über Wilhelm Reich und seine Konflikte mit der DPG/IPV (1933-34). In: Psyche, Vol. 2 / 1998, 176-196.

Schultz, J. H.(1964): Lebensbilderbuch eines Nervenarztes. Stuttgart.

Schultz-Hencke, H. (1946): Arzt und Psychotherapie. In: Das Deutsche Gesundheitswesen, Vol. 1 / 1946, 120-124.

Schultz-Hencke, H.(1949): La Psychotherapie et la Psychanalyse en Allemagne. In: Les Temps Modernes, Vol. Aug. / Sept. 1949.

Schulz, M.(1981): Dr. John Rittmeister. Nervenarzt und Widerstandskämpfer. Berlin, Diss. Humboldt Uni.

Schunter- Kleemann, S.(1980): Zwischen bürgerlicher und sowjetischer Ideologie. Psychologie in der DDR 1945-1960. In: Psychologie Heute, Vol. 6 / 1980, 74-81.

Sério, N. M. F.(1998): Reconstruindo "Farrapos". A trajetória histórica da SPRJ: instituição e poder. Rio de Janeiro (Tese de Doutorado, UFF).

- Speer, E.(1935): Die Liebesfähigkeit. (Kontaktpsychologie). (J. F. Lehmann).
- Steiner, R.(1989): Es ist eine neue Art von Diaspora. In: Psyche, Vol. 48 / 1994, 583 - 652.
- Sterba, R. F.(1982)(1985): Erinnerungen eines Wiener Psychoanalytikers. Ffm. (Fischer Tb.).
- Tausk, V.(1916): Zur Psychologie des Deserteurs. In: IZP, Vol. 4 / 1916, 193-204; 229-240.
- Teller, C.(ed.)(1992): John Rittmeister. "Hier brennt doch die Welt". Aufzeichnungen aus dem Gefängnis 1942-1943 u.a. Schriften. Gütersloh: Jakob van Hoddis.
- Thom, A.; Caregorodcev, G. I. (ed.)(1989): Medizin unterm Hakenkreuz. Berlin.
- Trepper, L.(1975): Die Wahrheit. München (Kindler).
- Tuchel, J.(1992): Motive und Grundüberzeugungen des Widerstandes der Harnack/Schulez-Boysen-Organisation. Zum Denken und Handeln von Liane Berkowitz. In: Schilde, K. (ed.): Eva Maria Bruch und die "Rote Kapelle" (85-99). Berlin. Overall.
- Vianna, B. H.(1994): Não conte a ninguém.... Contribuição à história das Sociedades Psicanalíticas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (Imago).
- Vianna, B. H.(1997a): N'en parlez à personne.... Politique de la psychanalyse face à la dictature et la torture. Paris (Harmattan).
- Vianna, H. B.(1997b): A questão Werner Kemper. In: Destacamento do grupo pró-ética, Vol. 13 / 1997, 22-24.
- Vianna, H. C. B.(1988): Psychoanalyse und Politik in Brasilien. In: Psyche, Vol. 11 / 1988, 997-1015.
- Victor, R.(1996): Na busca das correntes históricas da SPRJ. In: Boletim Científico da SPR, Vol. 1 / 1996, 125-133.
- Wunderlich, G.(1991): Die Öffnung der Psychoanalyse. Stuttgart/New York.